

Maio/2022

BOLETIM AGROPECUÁRIO





Governador do Estado
Carlos Moisés da Silva

Secretário de Estado da Agricultura, da Pesca e do Desenvolvimento Rural
Ricardo Miotto Ternus

Presidente da Epagri
Giovani Canola Teixeira

Diretores

Célio Haverroth
Desenvolvimento Institucional

Humberto Bicca Neto
Extensão Rural e Pesqueira

Jonas Pereira do Espírito Santo
Diretor Administrativo Financeiro

Vagner Miranda Portes
Ciência, Tecnologia e Inovação



Boletim Agropecuário

Autores desta edição

Alexandre Luís Giehl
Gláucia de Almeida Padrão
Haroldo Tavares Elias
João Rogério Alves
Jurandi Teodoro Gugel
Rogério Goulart Junior
Tabajara Marcondes



Florianópolis
2022

Empresa de Pesquisa Agropecuária e Extensão Rural de Santa Catarina (Epagri)

Rodovia Admar Gonzaga, 1347 – Itacorubi
Florianópolis, SC – Brasil – CEP 88034-901
Fone: (48) 3665-5000

Site: www.epagri.sc.gov.br

E-mail: epagri@epagri.sc.gov.br

Editado pelo Centro de Socioeconomia e Planejamento Agrícola (Epagri/CEPA)

Rodovia Admar Gonzaga, 1486, Itacorubi
88034-901 Florianópolis, SC, Brasil
Fone: (48) 3665-5078

Site: <https://cepa.epagri.sc.gov.br/>

E-mail: online@epagri.sc.gov.br

Coordenação: Tabajara Marcondes

Revisão técnica: Dilvan L. Ferrari/Janice M. W. Reiter/Luis Augusto Araujo/Luiz Carlos Mior/Marcia Mondardo

Colaboração:

Bruna Parente Porto
Carlos Koji Kato
Claudio Luis da Silveira
Cleverson Buratto
Édila Gonçalves Botelho
Evandro Uberdan Anater
Getúlio Tadeu Tonet
Gilberto Luiz Curti
Nilsa Luzzi
Orlando Fuchs
Sidaura Lessa Graciosa

Edição: maio de 2022 – (*on-line*)

É permitida a reprodução parcial deste trabalho desde que citada a fonte.

Ficha Catalográfica

EPAGRI/CEPA. **Boletim Agropecuário**. Maio/2022. Florianópolis, 2022, 53p. (Epagri)
Publicação iniciada em maio/2014 (nº de 1 – 70). Em abril/2019 passou a integrar a série Documentos com numeração própria.
Análise de mercado; safras; conjuntura.

APRESENTAÇÃO

O Centro de Socioeconomia e Planejamento Agrícola (Cepa), unidade de pesquisa da Empresa de Pesquisa Agropecuária e Extensão Rural de Santa Catarina (Epagri), tem a satisfação de disponibilizar o Boletim Agropecuário *on-line*. Ele reúne as informações conjunturais de alguns dos principais produtos agropecuários do estado de Santa Catarina.

O objetivo deste documento é apresentar, de forma sucinta, as principais informações conjunturais referentes ao desenvolvimento das safras, da produção e dos mercados para os produtos selecionados. Para isso, o Boletim Agropecuário contém informações referentes à última quinzena ou aos últimos 30 dias. Em casos esporádicos, a publicação poderá conter séries mais longas e análises de eventos específicos. Além das informações por produto, eventualmente poderão ser divulgados neste documento textos com análises conjunturais que se façam pertinentes e oportunas, chamando a atenção para aspectos não especificamente voltados ao mercado.

O Boletim Agropecuário pretende ser uma ferramenta para que o produtor rural possa vislumbrar melhores oportunidades de negócios. Visa, também, fortalecer sua relação com o mercado agropecuário por meio do aumento da competitividade da agricultura catarinense.

Esta publicação está disponível em arquivo eletrônico no site da Epagri/Cepa, <https://cepa.epagri.sc.gov.br/>. Podem ser resgatadas também as edições anteriores.

Giovani Canola Teixeira
Presidente Interino da Epagri

Sumário

Fruticultura	7
Banana	7
Grãos	11
Arroz	11
Feijão	14
Milho.....	17
Soja	22
Trigo.....	27
Hortaliças	29
Alho.....	29
Cebola	33
Pecuária	36
Avicultura.....	36
Bovinocultura	41
Suinocultura.....	45
Leite	51

Fruticultura

Banana

Rogério Goulart Junior
Economista, Dr. - Epagri/Cepa
rogeriojunior@epagri.sc.gov.br

Nos quatro primeiros meses de 2022, a banana-caturra apresentou aumento da oferta no mercado. A tendência é de manutenção dos valores negociados, com a estratégia de escoar parte da produção para exportações. Já a banana-prata apresenta problemas na qualidade dos cachos nos bananais e expectativa de possíveis efeitos de eventos climáticos extremos. No Sul Catarinense mantém a tendência de redução nas cotações. A partir da segunda quinzena de maio, as temperaturas mais frias nas regiões produtoras devem reduzir o desenvolvimento da fruta, segurando a desvalorização dos preços pela diminuição na oferta e manutenção da demanda relativa no mercado.

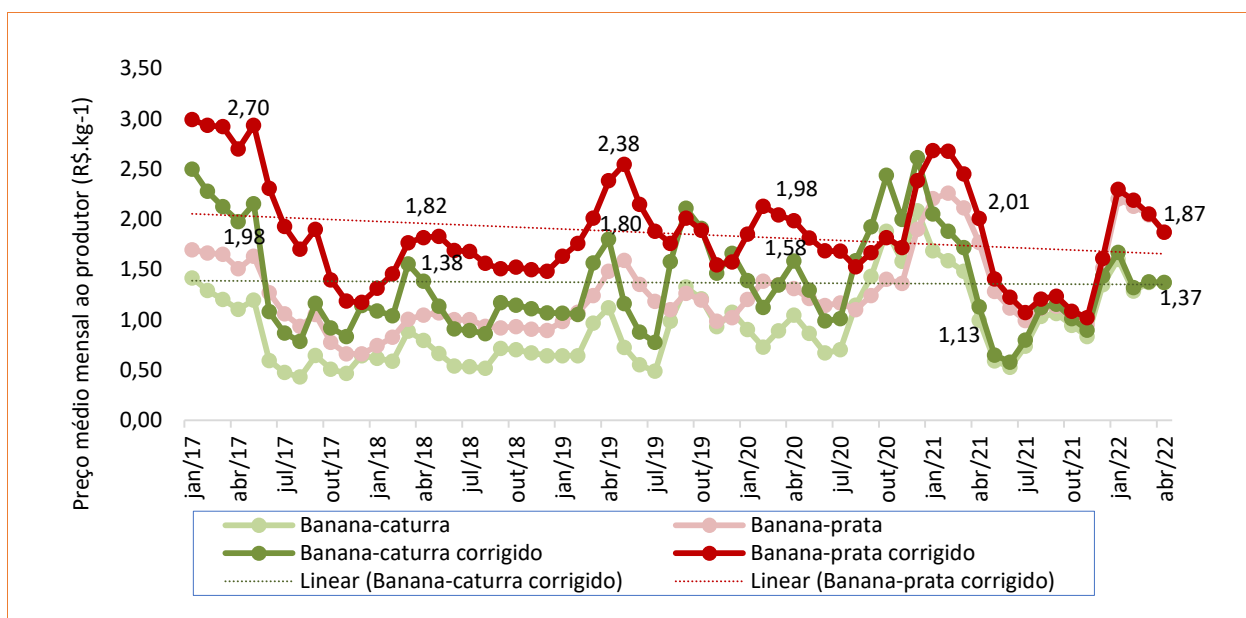


Figura 1. Banana – Santa Catarina: evolução do preço mensal ao produtor

Nota: preço nominal e corrigido (IGP-DI/FGV –mai./22=100).

Fonte: Epagri/Cepa, 2022.

Entre março e abril de 2022 houve desvalorização de 0,5% nas cotações da banana-caturra, depois do aumento de 4,3% entre fevereiro e março. O preço de abril de 2022 está valorizado em 21,3% em relação ao mesmo mês do ano anterior, mas apresenta desvalorização de 13,6% na comparação com 2020. No comparativo entre os quatro primeiros meses do ano com o mesmo período do ano anterior, houve desvalorização média de 15,4% nos preços. Depois do mês de março, com alta oferta de fruta e escoamento de parte do volume produzido para exportações que se estendeu até abril, a oferta diminuiu, mas a demanda relativa aumentou; com isso, a expectativa é de manutenção das cotações da variedade.

A banana-prata, entre os meses de março e abril de 2022, sofreu desvalorização de 8,8% em suas cotações. O preço de abril de 2022 está 6,8% desvalorizado em relação ao mesmo mês do ano anterior e em 21,5% em relação a 2019, no período que antecedeu a pandemia. No comparativo com o primeiro quadrimestre de 2022 e 2021, houve desvalorização de 14,4% nas cotações. A tendência é de redução nos preços, mas

devido a diminuição da oferta de fruta no início de maio a expectativa pode ser de manutenção das próximas cotações da variedade.

Tabela 1. Banana – Santa Catarina: preço médio ao produtor (R\$.kg⁻¹) nas principais praças

Praça	Mês				Var. (%) Abr./Mar. 22
	Fev. 22	Mar. 22	Abr. 22	Mai. 22*	
Jaraguá do Sul					
Caturra	1,25	1,75	1,52	1,4	-13,1
Prata	2,09	2,25	1,3	1,64	-42,2
Sul Catarinense					
Caturra	1,31	1,15	1,8	1,25	56,5
Prata	2,16	2,1	1,84	1,85	-12,4

Nota: Valores em R\$/cx. 20kg, transformados em R\$.kg⁻¹; até o dia 13 de maio.

Fonte: Epagri/Cepa e Conaban, maio 2022.

No Norte Catarinense, com a volta das chuvas na região, houve aumento na oferta da banana-caturra e da banana-prata nos bananais, ocasionando a redução nos preços em abril. Em maio, a tendência é de redução na produção, em decorrência de temperaturas mais frias que afetam o desenvolvimento dos cachos, mas com a redução na demanda pela fruta os preços podem continuar em desvalorização.

No Sul Catarinense, para a banana-prata, a baixa luminosidade e o excesso de chuvas prejudicaram o desenvolvimento da cultura, a execução dos tratos culturais e as atividades de colheita. A expectativa é de redução na oferta e na demanda pela fruta, o que deve manter os preços da variedade na região. Já a banana-caturra, com a menor oferta de outras regiões, apresentou valorização nos preços em abril, mas segue tendência de diminuição nas cotações em maio.

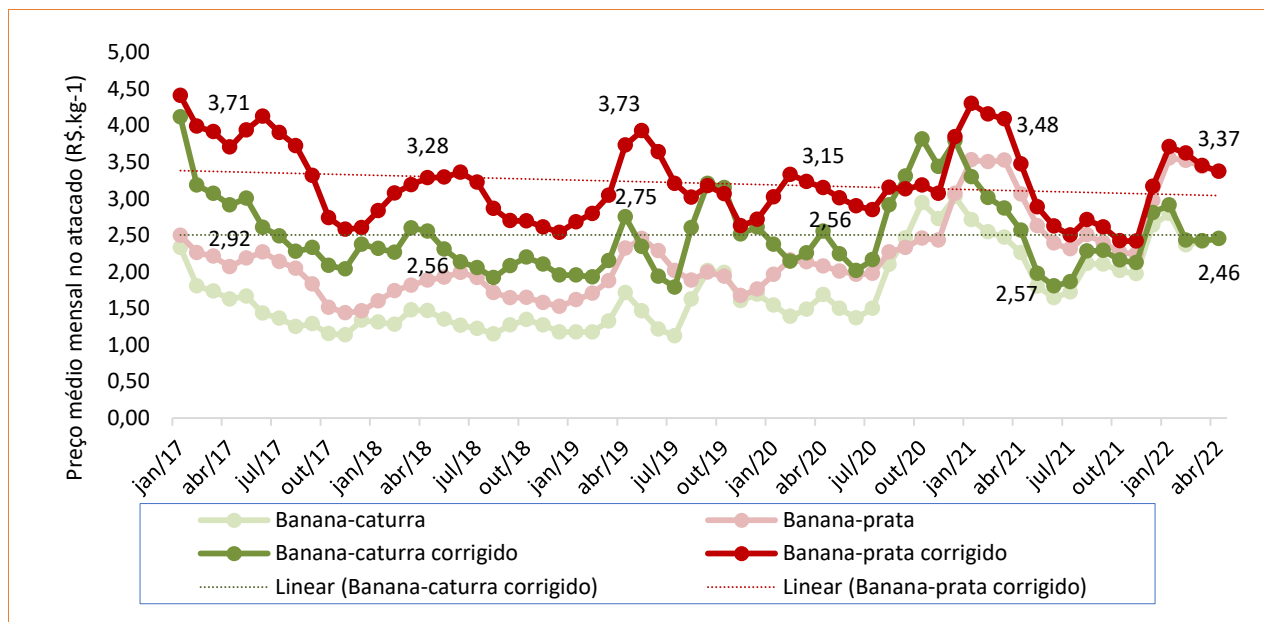


Figura 2. Banana – Santa Catarina: evolução do preço mensal no atacado da Ceasa/SC

Nota: preço nominal e corrigido (IGP-DI/FGV – maio/22=100).

Fonte: Epagri/Cepa, 2022.

Em março de 2022, no mercado atacadista catarinense, houve aumento da oferta da fruta com pressão para redução de 0,4% nos preços da banana-caturra e de 4,7% no da banana-prata. Em abril, na central de abastecimento estadual, a banana-caturra apresentou recuperação de 1,4% nas cotações em relação ao mês anterior, mas manteve desvalorização de 4,3% no preço em comparação a abril de 2021 e redução de

10,8% na relação mensal com 2020. A banana-prata manteve desvalorização de 2,3% entre março e abril de 2022, e desvalorização de 2,9% em comparação a abril do ano anterior, devido à redução na demanda no período, embora com valorização de 7,1% no comparativo com 2020.

Tabela 2. Banana – Brasil: preço médio ao produtor (R\$.kg-1)* nas principais praças

Praça	Mês				Variação (%) Abr./Mar. 2022
	Fev. 22	Mar. 22	Abr. 22	Maió**22	
Bom Jesus da Lapa (BA)					
Nanica	1,32	1,53	1,02	0,92	-33,3
Prata	3,30	2,28	2,27	1,79	-0,4
Norte de Minas Gerais (MG)					
Nanica	1,39	1,55	1,10	0,94	-29,0
Prata	3,71	2,69	2,71	1,74	0,7
Vale do Ribeira (SP)					
Nanica	1,7	1,88	1,71	1,46	-9,0
Prata	3,16	2,91	2,62	2,30	-10,0
Vale do São Francisco (BA e PE)					
Nanica
Prata	2,95	2,05	1,83	1,75	-10,7

(* Preço médio mensal em R\$.kg-1; (***) até do dia 13 de maio/22.

Fonte: Epagri/Cepa adaptado de Cepea/Esalq/USP

Entre março e abril, as cotações nas principais praças brasileiras apresentaram desvalorização para ambas as variedades devido ao aumento na oferta da fruta no mercado nacional e redução na demanda. Para a banana-caturra, a tendência, em maio, é de manutenção na redução dos preços em todas as regiões brasileiras, com perspectiva de recuperação com o aumento das exportações e diminuição no desenvolvimento dos cachos, por conta das temperaturas mais frias na segunda quinzena do mês. Para a banana-prata do litoral, a expectativa é de menor oferta, com preços competitivos em relação à mesma variedade produzida nas regiões mineiras e baianas.



Figura 3. Banana – Volume exportado e valor nos principais estados (1º quadrimestre 2020-2022)

Fonte: Comexstat/MDIC.

O valor das exportações brasileiras no primeiro quadrimestre de 2022 foi de US\$ 14,9 milhões, com aumento de 24,3% em relação a 2021. Nos quatro primeiros meses de 2022, Santa Catarina participou com 50,6% do valor das exportações brasileiras, ou seja, com US\$ 7,56 milhões, e com um volume de 18,8 mil toneladas comercializadas da fruta (52%). No comparativo entre o primeiro quadrimestre de 2021 e 2022, os quatro principais estados exportadores apresentaram aumento de 14,4% no volume da fruta enviada para o exterior e com aumento de 29,8% no valor das exportações.

Tabela 3. Banana – Santa Catarina: comparativo da estimativa de 2020/21 e 2021/22

Microrregiões	Estimativa 2020/21			Estimativa 2021/22			Variação (%)		
	Área colhida (ha)	Produção (t)	Rend. Médio (kg.ha ⁻¹)	Área colhida (ha)	Produção (t)	Rend. Médio (kg.ha ⁻¹)	Área colhida	Produção	Rend. Médio
Blumenau	4.425	96.278	21.758	4.676	135.462	28.970	5,7	40,7	33,1
Itajaí	3.587	71.008	19.796	3.790	117.583	31.025	5,7	65,6	56,7
Joinville	12.931	223.256	17.265	12.854	370.062	28.790	-0,6	65,8	66,8
São Bento do Sul	523	9.969	19.061	520	11.735	22.568	-0,6	17,7	18,4
Araranguá	5.332	58.872	11.041	5.317	65.882	12.391	-0,3	11,9	12,2
Criciúma	1.294	20.334	15.714	1.306	23.912	18.309	0,9	17,6	16,5
Tubarão	131	1056	8.061	93	1.112	11.957	-29,0	5,3	48,3
Total	28.223	480.773	17.035	28.556	725.748	25.415	1,2	51,0	49,2

Fonte: Epagri/Cepa (maio de 2022).

Grãos

Arroz

Glauca de Almeida Padrão
Economista, Dra. – Epagri/Cepa
glauciapadiao@epagri.sc.gov.br

Mercado

Com o avanço da colheita no estado, os preços catarinenses fecharam em queda no mês de abril. Comparativamente ao mês de março, o preço médio deste mês foi 3,79% menor, fechando em R\$ 67,47/sc de 50 kg. Na primeira quinzena de maio, a tendência de queda se tem mantido, até o momento, com preços médios, fechando em R\$ 66,88/sc de 50 kg. No Rio Grande do Sul, os preços de abril fecharam em R\$ 73,51, 3,31% a menos do que no fechamento do mês anterior (Figura 1). O que se tem observado nos últimos meses confirma o comportamento esperado nesse período do ano, fato que não se confirmava desde o início da pandemia, quando o mercado de arroz passou a se comportar de maneira inesperada. De acordo com a praxe sazonal, a expectativa é de que entre os meses de fevereiro e julho haja uma redução dos preços, pelo aumento da oferta interna em decorrência do avanço da colheita. Igualmente, entre agosto e janeiro, período de entressafra, espera-se que os preços apresentem aumento no mercado pela escassez de produto. Os produtores que não têm necessidade de fazer caixa logo após a colheita podem aproveitar o período de entressafra para alcançar preços melhores. No entanto, cabe ressaltar que a configuração atual do mercado, com arrefecimento das exportações e possibilidade de estoques elevados, indica, para o segundo semestre de 2022, que os preços devem comportar-se de maneira similar à observada em 2021, ou seja, preços baixos no período de entressafra. Outro aspecto a ser observado é o aumento dos custos de produção. Com o aumento significativo nos preços dos insumos no estado, computados pela Epagri/Cepa em abril, a expectativa é de um novo aumento no custo de produção, o que, somado a preços menores, causa preocupação quanto à manutenção da atividade em algumas propriedades.

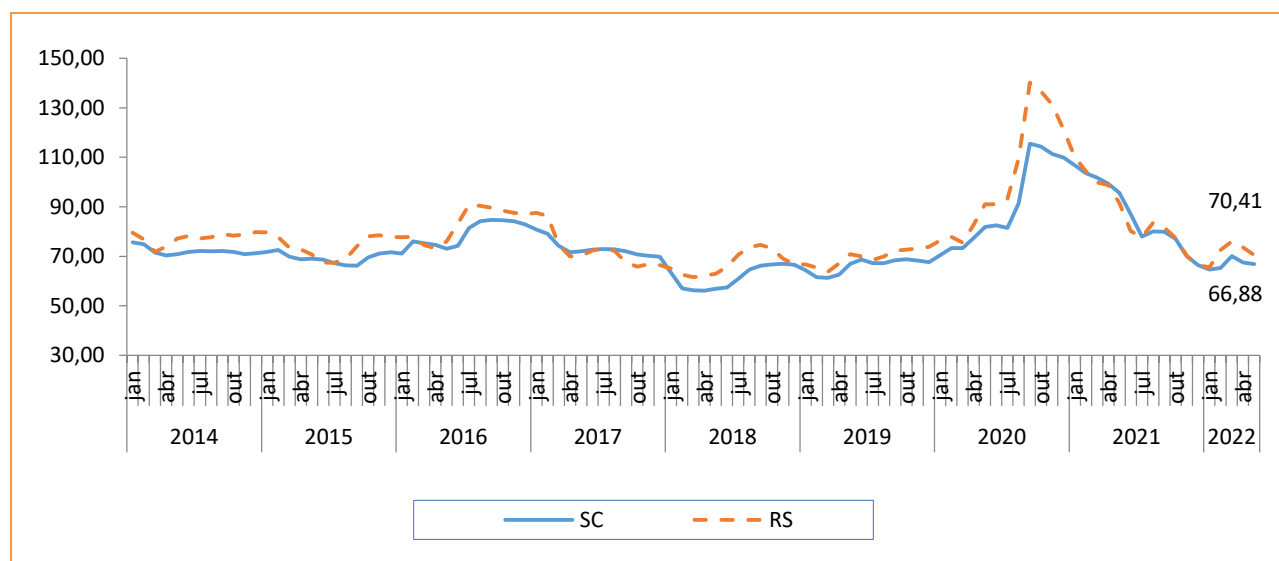


Figura 1. Arroz irrigado – SC: evolução do preço médio real mensal ao produtor – (jan./2014 a maio^(*)/2022)

^(*) Preço médio da primeira quinzena.

Fonte: Epagri/Cepa (SC), Cepea (RS); maio 2022.

Mercado externo

No que se refere às exportações, observa-se que, em 2021, Santa Catarina exportou cerca de 64% a menos do que em 2020. Apesar de em 2021 o valor ter sido inferior ao exportado em 2020, sua participação é maior do que em anos tidos como normais para o mercado externo catarinense. Destacam-se, como principais destinos das exportações, em 2021, Trinidad e Tobago (81,14%), África do Sul (7,51%) e Marrocos (2,16%). Do lado das importações, de janeiro a novembro de 2021 o estado importou 58% a menos do que em todo o ano de 2020. Países importadores tradicionais, como o Uruguai e o Paraguai, reduziram suas participações por problemas nas safras, dando espaço à Guiana, por exemplo, que participou com 15,26% do valor total de 2021. O Uruguai destinou 48,21% do valor total importado por Santa Catarina e o Paraguai, 11,65%. Embora o acesso ao mercado externo tenha começado timidamente o ano, em fevereiro de 2022 as exportações catarinenses também ganharam força. De janeiro a abril, as exportações catarinenses totalizaram US\$ 883 milhões. Este valor representa 26,32% do total exportado no mesmo período de 2021. Isto porque, em 2021, a partir do mês de abril, Santa Catarina aumentou suas exportações, especialmente para Trinidad e Tobago, Peru e Estados Unidos. Nota-se, pela figura 4, que o estado tem aumentado a diversidade de produtos exportados no contexto do arroz. Até 2018, a composição das exportações desse segmento se caracterizava por forte participação do grão em casca; nos últimos anos, tem ganhado mercado o arroz polido e o parboilizado, de maior valor agregado e mais vantajoso para o estado. Observa-se, também, que a relação entre preço de exportação e preço interno aumentou, em 2022, comparativamente ao preço médio de 2021, o que tem tornado o mercado externo atrativo para o produtor.

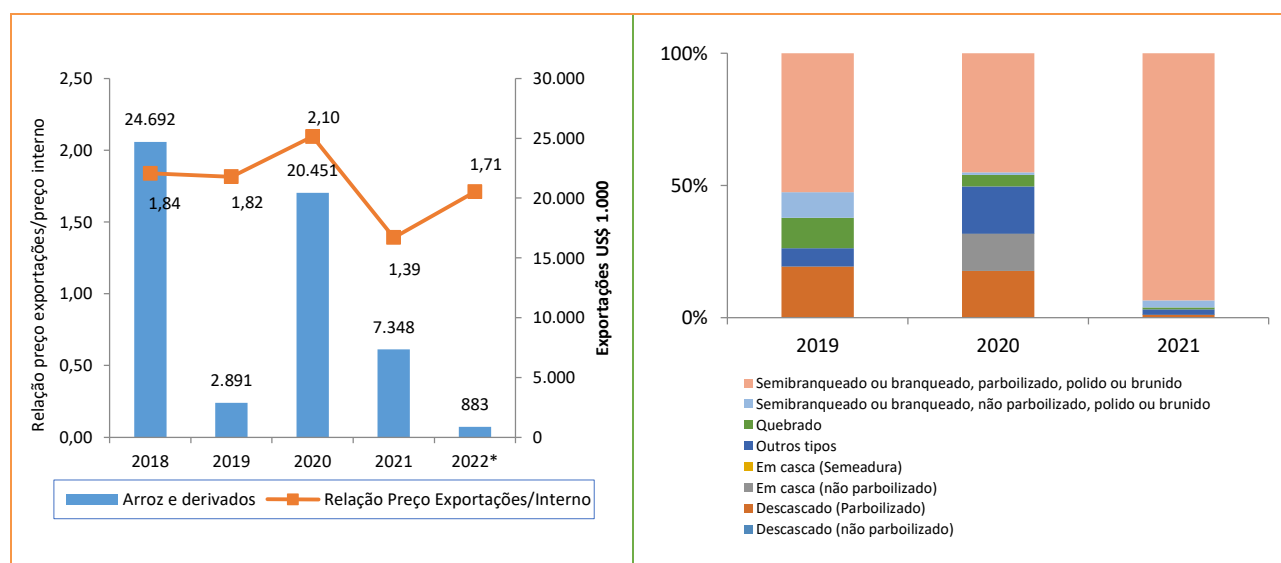


Figura 2. Arroz e derivados – SC: Exportações anuais e detalhamento de produtos, em US\$ 1.000

Fonte: Epagri/Cepa (SC), abr. 2022.

Acompanhamento de safra

A colheita da safra catarinense, que teve início em janeiro, especialmente em regiões onde o plantio ocorre mais cedo, encontra-se encerrada em todo o estado, restando apenas áreas de rebrote a serem colhidas, especialmente na região norte do estado. De maneira geral, as lavouras apresentaram desenvolvimento dentro da normalidade, com boa sanidade e nenhum relato de problemas severos de pragas e/ou doenças. A maior parte da área semeada apresentou condição boa de lavoura (96,2%). A estimativa atual da safra aponta para uma estabilidade na área plantada - em torno de 148 mil hectares - e se espera produtividade de 8,3 toneladas por hectare, resultando em produção de 1,22 milhão de toneladas.

Tabela 1. Arroz irrigado – Santa Catarina: comparativo das safras 2020/21 e 2021/22

Microrregião	Safra 2020/21			Estimativa atual Safra 2021/22			Variação (%)		
	Área (ha)	Quant. prod. (t)	Produtividade (kg/ha)	Área (ha)	Quant. prod. (t)	Produtividade (kg/ha)	Área	Prod.	Produt.
Araranguá	58.848	512.719	8.713	58.848	493.325	8.383	0,00	-3,78	-3,79
Blumenau	7.115	60.701	8.531	7.115	62.208	8.743	0,00	2,48	2,49
Criciúma	21.828	191.735	8.784	21.828	183.475	8.405	0,00	-4,31	-4,31
Florianópolis	1.895	11.333	5.980	1.895	11.908	6.284	0,00	5,07	5,08
Itajaí	9.461	74.895	7.916	9.461	76.294	8.064	0,00	1,87	1,87
Ituporanga	171	1.539	9.000	170	1.530	9.000	-0,58	-0,58	0,00
Joinville	18.232	146.238	8.021	18.382	151.132	8.222	0,82	3,35	2,51
Rio do Sul	10.695	92.338	8.634	10.635	96.051	9.032	-0,56	4,02	4,61
Tabuleiro	132	877,8	6.650	132	924	7.000	0,00	5,26	5,26
Tijucas	2.164	15.780	7.292	2.164	15.985	7.387	0,00	1,30	1,30
Tubarão	17.738	140.697	7.932	17.023	129.158	7.587	-4,03	-8,20	-4,35
Santa Catarina	148.279	1.248.853	8.422	147.653	1.221.990	8.276	-0,42	-2,15	-1,73

Fonte: Epagri/Cepa (SC), maio 2022.

Feijão

João Rogério Alves
 Engenheiro-agrônomo, M.Sc. – Epagri/Cepa
joaoalves@epagri.sc.gov.br

Mercado

O preço médio do feijão-carioca no mês de abril foi 1,17% inferior ao recebido pelos produtores catarinenses no mês anterior, fechando a média mensal em R\$290,37/sc de 60kg. Para o feijão-preto, os preços tiveram forte variação negativa de 14,29% no último mês, fechando a média de março em R\$249,89/sc de 60kg. Na comparação com um ano atrás, pode-se verificar que, em termos nominais, os preços da saca estão 3,84% abaixo dos de abril de 2021.

Tabela 1. Feijão – Evolução do preço médio mensal pago ao produtor (R\$/60kg)

Estado	Tipo	Abr./22	Mar./22	Variação mensal (%)	Abr./21	Variação anual (%)
Santa Catarina	Feijão-carioca	290,37	293,80	-1,17	251,18	15,60
Paraná		314,88	313,67	0,39	264,14	19,21
Mato Grosso do Sul		321,29	302,39	6,25	277,79	15,66
Bahia		319,52	323,04	-1,09	262,73	21,62
São Paulo		348,78	327,30	6,56	295,00	18,23
Goiás		338,76	324,91	4,26	259,30	30,64
Santa Catarina	Feijão-preto	249,89	291,55	-14,29	259,88	-3,84
Paraná		247,97	281,94	-12,05	255,71	-3,03
Rio Grande do Sul		259,89	289,10	-10,10	267,82	-2,96

Fonte: Epagri/Cepa (SC), Seab/Deral (PR), Conab (MS, BA, SP, GO e RS), maio 2022.

O mercado apresentou, em maio, comportamento baixista de preços para os estados da Região Sul. Por outro lado, nos estados produtores do Sudeste e Centro-Oeste, os preços apresentaram alta. Um dos fatores que justificam essa baixa é a característica sazonal de maior oferta do produto no mercado nos meses de junho e julho, em função da colheita da 2ª safra, que se intensifica a partir de maio. Outro aspecto importante é que, no estado do Paraná, maior produtor nacional, foi observado aumento na área cultivada com feijão 2ª safra, pois, com isso, a oferta aumenta, pressionando para baixo os preços ao produtor.

Safra catarinense

Feijão 1ª safra

Em Santa Catarina, até a última semana de abril, 100% da área destinada ao plantio da safra 2021/22 de feijão 1ª safra já havia sido colhida. Vale a pena lembrar que, no início desta safra, as estimativas iniciais eram muito boas. Em agosto de 2021, os bons preços cobrados durante o ano, bem como a necessidade de promover a rotação de culturas nas áreas de lavouras, motivaram os produtores a aumentar suas áreas de plantio de feijão; contudo, a estiagem frustrou as expectativas.

Na comparação da safra atual com a safra passada, dever-se-á ter uma redução de 11% na produtividade média e de 5% na produção. Quanto à área plantada, houve um crescimento de 6%. Vale a pena lembrar que a safra anterior (2020/21) foi igualmente atingida por estiagem prolongada, fator climático que, naquele ano, comprometeu a produção estadual de feijão da 1ª safra.

Tabela 3. Feijão 1ª safra – Comparativo de safra 2020/21 e estimativa safra 2021/22

Microrregião	Safra 2020/21			Estimativa safra 2021/22			Variação (%)		
	Área (ha)	Produção (t)	Produtiv. (kg/ha)	Área (ha)	Produção (t)	Produtiv. (kg/ha)	Área	Produção	Produtiv.
Araranguá	53	51	962	60	52	867	13	2	-10
Campos de Lages	6.500	12.772	1.965	7.940	11.846	1.492	22	-7	-24
Canoinhas	7.450	8.767	1.177	9.720	14.764	1.519	30	68	29
Chapecó	1.772	2.123	1.198	1.682	2.053	1.221	-5	-3	2
Concórdia	385	208	540	289	101	350	-25	-51	-35
Criciúma	682	793	1.163	668	782	1.171	-2	-1	1
Curitibanos	4.310	10.146	2.354	3.710	5.424	1.462	-14	-47	-38
Joaçaba	2.885	5.113	1.772	2.807	2.996	1.067	-3	-41	-40
São Bento do Sul	600	643	1.072	600	950	1.583	0	48	48
São M. do Oeste	775	992	1.280	804	1.228	1.527	4	24	19
Tubarão	767	958	1.249	602	752	1.249	-22	-22	0
Xanxerê	4.874	10.759	2.207	4.871	9.678	1.987	0	-10	-10
Outras MRG's	2.054	3.181	1.549	1.436	3.065	2.134	-30	-4	38
Santa Catarina	33.107	56.507	1.707	35.189	53.691	1.526	6	-5	-11

Fonte: Epagri/Cepa (SC), mai. 2022.

Feijão 2ª safra

Os cultivos do feijão 2ª safra se encontram predominantemente em fases de floração e maturação. Até a última semana de abril, 79,5% das áreas destinadas ao cultivo encontravam-se em florescimento, e 20,5%, em maturação. As chuvas persistentes, neste final de abril e início de maio, têm prejudicado o desenvolvimento das plantas, trazendo danos às lavouras em fase adiantada de maturação.

Na microrregião geográfica de São Miguel do Oeste, que contribui com 6,5% da área plantada com feijão 2ª safra, já há lavouras com a presença de grãos germinados nas vagens. Para a MRG de Canoinhas, que responde por 14% da área plantada, as chuvas têm atrapalhado a fase de maturação; contudo, as previsões apontam para boas produtividades com o início da colheita, previsto para a segunda quinzena de maio.

Na MRG de Xanxerê, que, nesta safra, contribui com 48% da área plantada, o predomínio da alta umidade relativa do ar, associada a temperaturas amenas e a baixa radiação solar, favoreceu a incidência de doenças fúngicas, demandando dos produtores monitoramento e controle fitossanitários. As lavouras, contudo, apresentam boa sanidade. A preocupação é com o frio antecipado.

Os preços atrativos e a curta janela de plantio para o feijão 2ª safra levaram os produtores que cultivam maiores áreas a investir nessa cultura. Por outro lado, os pequenos produtores, acompanhando a tendência do mercado, também apostaram no feijão safrinha, em sucessão a culturas como cebola, fumo, milho, cenoura e, até mesmo, em pós-colheitas de feijão 1ª safra.

No mês de maio, com dados consolidados de abril, tem-se registrado um incremento de 20% na área plantada com feijão 2ª safra, passando de 26,3 mil para 31,5 mil hectares. Com as estimativas reavaliadas, neste momento a expectativa é de um incremento de 40% na produtividade média, chegando a ótimos 1.600 Kg/ha. Em se confirmando esses números nos próximos meses, dever-se-á ter uma produção 67% superior à obtida na temporada anterior de feijão 2ª safra.

Tabela 4. Feijão 2ª – Comparativo da safra 2020/21 e estimativa inicial da safra 2021/22

Microrregião	Safra 2020/21			Estimativa safra 2021/22			Variação (%)		
	Área (ha)	Produção (t)	Produtiv. (kg/ha)	Área (ha)	Produção (t)	Produtiv. (kg/ha)	Área	Produção	Produtiv.
Araranguá	602	362	601	602	358	595	0	-1	-1
Canoinhas	3.580	3.065	856	3.850	5.179	1.345	8	69	57
Chapecó	2.874	4.263	1.483	5.080	9.001	1.772	77	111	19
Criciúma	1.010	695	688	1.010	693	686	0	0	0
Curitibanos				330	553	1.676			
Ituporanga	1.070	1.231	1.150	1.070	1.231	1.150	0	0	0
Rio do Sul	468	489	1.045	468	489	1.045	0	0	0
São Bento do Sul	150	110	733	220	244	1.109	47	122	51
São M. do Oeste	1.681	1.679	999	2.055	3.107	1.512	22	85	51
Tubarão	1.181	770	652	1.181	762	645	0	-1	-1
Xanxerê	13.665	17.323	1.268	15.625	28.543	1.827	14	65	44
Santa Catarina	26.281	29.987	1.141	31.491	50.160	1.593	20	67	40

Fonte: Epagri/Cepa (SC), abr. 2022.

Safra nacional

Para o feijão 1ª safra, o último levantamento da Conab indica, em nível nacional, que o ciclo está praticamente finalizado, restando apenas pequenas áreas a serem colhidas no centro-norte baiano. Safra marcada fortemente para condições climáticas adversas, sobretudo no Sul do País, onde a estiagem prejudicou severamente a cultura, comprometendo o rendimento médio das lavouras. Quanto ao ciclo do feijão 2ª safra, a cultura se encaminha para as fases de florescimento e maturação. Em todo o País, a expectativa é de uma boa safra, sobretudo quando comparada com o total colhido na safra 2020/21, que teve reconhecidamente um resultado ruim por questões climáticas. Na atual safra, o clima tem contribuído e se espera um incremento de 23,3% em relação à safra anterior, considerando os grupos feijão-comum cores, feijão-comum preto e feijão-caupi.

A terceira safra nacional de feijão, cultivado no período de outono-inverno, especialmente no Nordeste, no Centro-Oeste e no Sudeste brasileiros, o ciclo está recém-iniciado. As primeiras estimativas apontam para redução de área plantada em comparação à temporada anterior, principalmente em razão da grande concorrência com o cultivo de milho e trigo (cereais que expandiram sua área de abrangência nesse ciclo). Em nível nacional, segundo dados da Conab, somando as três safras plantadas no País para todos os tipos de feijão, a produção deverá chegar a 3,13 milhões de toneladas, 8% a mais que na safra 2020/21, apesar de a área plantada ter sido reduzida em 4%. No último mês, a produtividade média nacional foi 12% superior à alcançada na safra passada.

Tabela 2. Feijão – BR: comparativo de área, produtividade e produção – Safras 2020/21 e 2021/22

Região	Área (mil ha)			Produtividade (kg/ha)			Produção (mil t)		
	2020/21	2021/22	Var. %	2020/21	2021/22	Var. %	2020/21	2021/22	Var. %
Norte	101	99	-2	1.029	1.067	4	104	105	1
Nordeste	1.457	1.426	-2	406	514	27	592	733	24
Centro-Oeste	428	327	-24	1.817	2.005	10	777	655	-16
Sudeste	420	417	-1	1.698	1.683	-1	714	701	-2
Sul	517	550	6	1.366	1.712	25	707	942	33
Brasil	2.923	2.818	-4	990	1.113	12	2.894	3.137	8

Fonte: Conab, maio 2022.

Milho

Haroldo Tavares Elias
Engenheiro-agrônomo, Dr. – Epagri/Cepa
htelias@epagri.sc.gov.br

Preços

Após registrarem valor médio mensal recorde em fevereiro - cerca de R\$100,00/sc -, as cotações recuaram 10,3% em março e abril (Figuras 1 e 2). O principal fundamento que está orientando os preços é a expectativa da boa segunda safra nacional, com maior oferta no mercado interno.

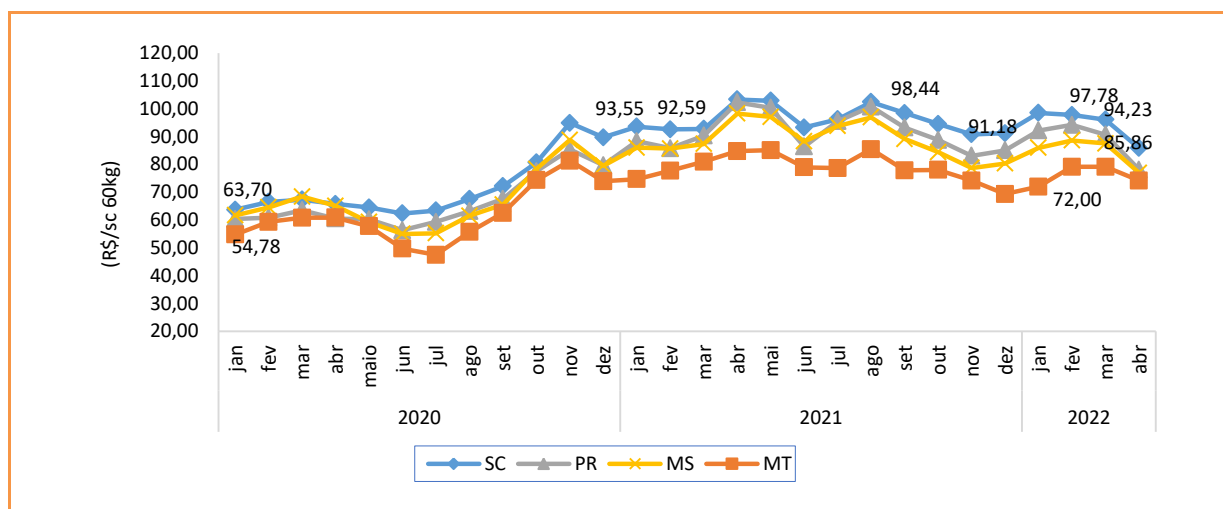


Figura 1. Milho – SC: preço médio mensal pago ao produtor (R\$/sc de 60 Kg) – de 2020 a fevereiro de 2022 (valores atualizados pelo IGP-DI)

Fonte: Epagri/Cepa. Deral-PR e Agrolink.

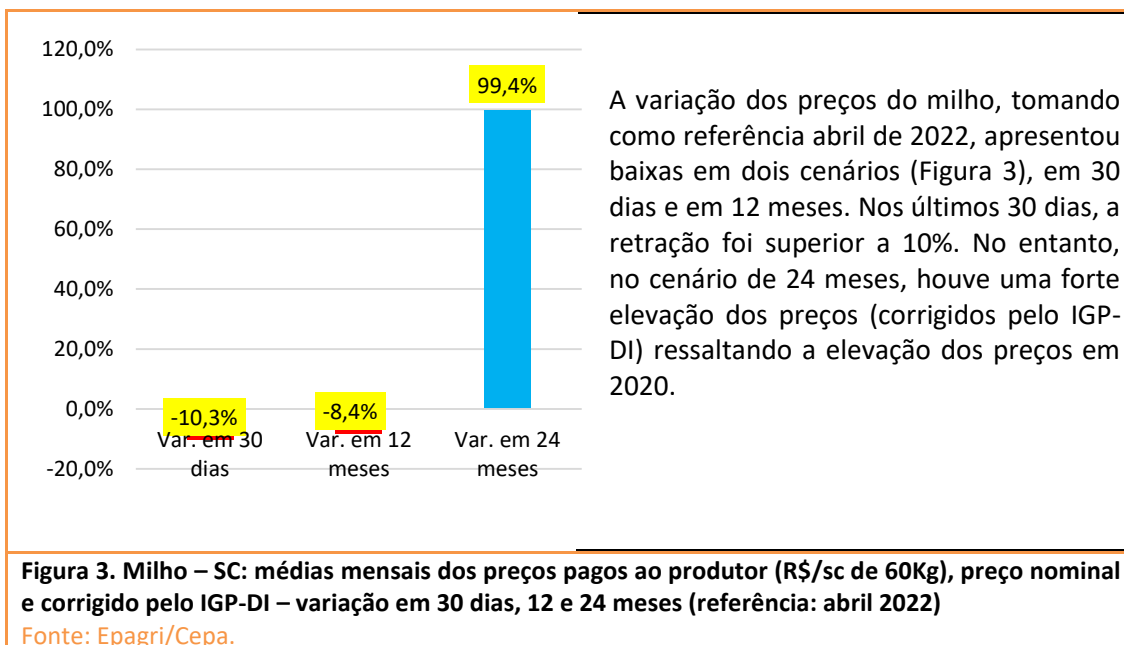
- Há divergência de orientação dos preços entre o mercado interno e o externo, explicada principalmente pelo conflito entre a Rússia e a Ucrânia, atores importantes nos produtos trigo e milho no mercado mundial. A partir de março, os preços internacionais sofreram um forte impulso, alcançando cotações recordes, superiores a US\$ 8,00/buschel, em especial após o relatório do Usda de maio, que registrou menor área de cultivo de milho nos EUA na atual safra. As condições climáticas da atual safra dos EUA entram no radar diário do mercado internacional nos próximos meses.



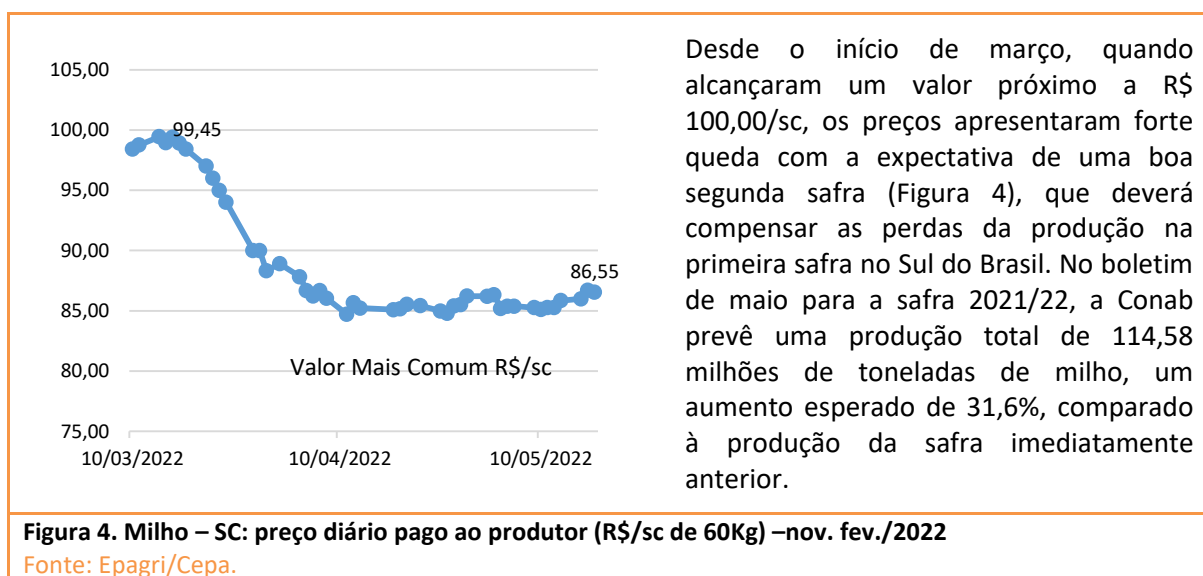
Figura 2. Evolução dos preços futuros do milho, US\$/buschel, contrato jul./2022

Fonte: Investing. <https://br.investing.com/commodities/real-time-futures>.

Varição temporal dos preços



Varição diária dos preços



Safra Estadual 2021/22

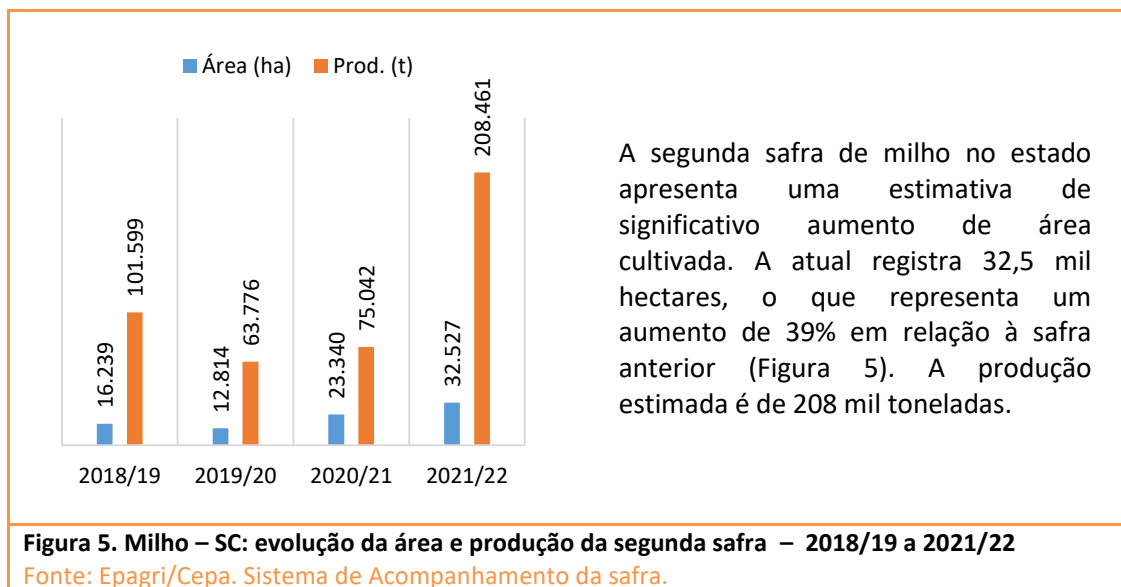
A estiagem afetou significativamente a produção da safra de verão no estado na maioria das regiões. São Miguel do Oeste, Curitibaanos e Joaçaba apresentaram as maiores estimativas de redução. A estadual foi de 32,3%, cerca de 900 mil toneladas em relação ao prognóstico inicial (Tabela 1).

Tabela 1. Milho – Área, produção e rendimento: estimativa inicial e atual – Levantamento em abril de 2022 (Safrá 2021/22)

	Área plant. inicial (ha)	Prod. inicial (kg/ha)	Qtd. prod. inicial (t)	Área plant. atual (ha)	Prod. méd. atual (kg/ha)	Qtd. prod. atual(t)
Araranguá	7.786	6.680	52.009	7.786	7.108	55.346
Blumenau	1.993	4.901	9.767	1.993	4.901	9.767
Campos de Lages	33.820	6.370	215.450	36.010	5.127	184.616
Canoinhas	33.850	9.491	321.270	36.200	7.527	272.495
Chapecó	39.913	8.664	345.794	39.276	5.529	217.157
Concórdia	21.750	7.567	164.574	21.750	4.816	104.748
Criciúma	7.109	6.820	48.481	7.109	7.390	52.539
Curitibanos	26.530	10.485	278.178	26.730	5.384	143.902
Ituporanga	10.170	7.732	78.636	10.170	5.850	59.495
Joaçaba	62.010	8.230	510.335	63.640	4.814	306.357
Joinville	417	5.863	2.445	417	5.863	2.445
Rio do Sul	19.030	7.105	135.216	19.030	5.577	106.121
São B. do Sul	3.800	8.711	33.100	3.800	7.368	28.000
São M. do Oeste	25.070	8.538	214.044	23.390	4.106	96.050
Tabuleiro	1.800	7.200	12.960	1.800	7.200	12.960
Tubarão	4.753	6.277	29.834	4.753	7.276	34.583
Xanxerê	26.080	9.895	258.055	22.350	6.611	147.765
Total geral	325.881	8.316	2.710.149	326.204	5.623	1.834.346

Fonte: Epagri/Cepa, abril de 2022.

Milho – segunda safra no Estado



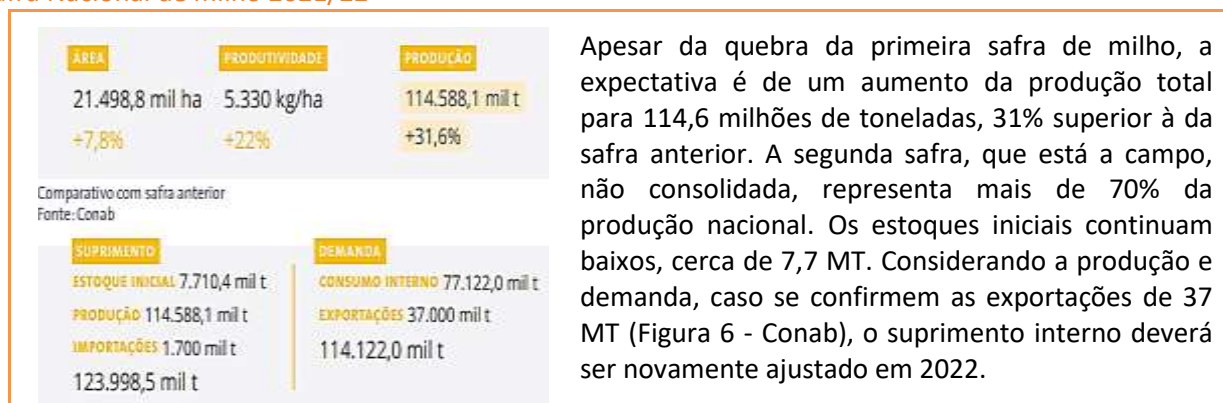
Na atual estimativa da segunda safra de milho no estado está prevista uma produção superior a 200 mil toneladas, volume que recupera uma pequena parte das perdas ocorridas na primeira safra. A atual ainda não está consolidada, pois, cerca de 70% de sua área estimada está em fase de floração e início de enchimento de grãos (até 15 de maio). Nesta fase, eventos climáticos - como geadas - poderão afetar o desenvolvimento das plantas e seu rendimento. As regiões que concentram a maior área de cultivo são: Chapecó, Xanxerê e São Miguel do Oeste (Tabela 2). Observa-se que uma parte da área de cultivo poderá ser destinada à produção de silagem e a consumo nas propriedades.

Tabela 2. Milho – SC: Evolução da área, produção e rendimento da segunda safra, estimativa inicial e atual – Safra 2021/22

	Área plant. inicial (ha)	Prod. inicial (kg/ha)	Qtd. prod. inicial (t)	Área plant. atual (ha)	Prod. méd. atual (kg/ha)	Qtd. prod. atual(t)
Araranguá	389	4.391	1.708	389	4.385	1.706
Chapecó	10.140	7.896	80.070	10.140	7.673	77.800
Concórdia	4.000	2.800	11.199	4.000	4.846	19.383
Criciúma	365	4.088	1.492	365	4.082	1.490
São Miguel do Oeste	6.650	5.884	39.126	9.350	5.880	54.978
Tabuleiro	450	3.500	1.575	450	3.500	1.575
Tijucas	750	3.900	2.925	750	3.900	2.925
Tubarão	460	5.689	2.617	460	5.681	2.613
Xanxerê	6.323	7.555	47.770	6.623	6.944	45.992
Total geral	29.527	6.383	188.482	32.527	6.409	208.461

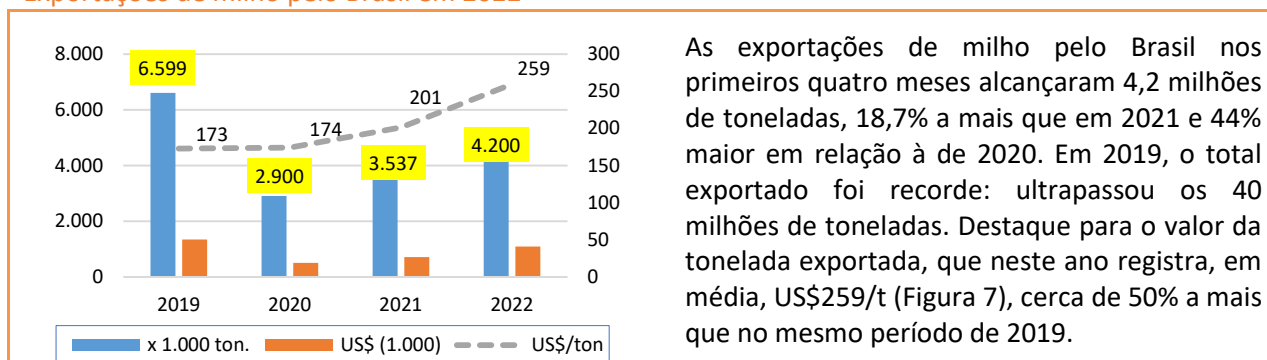
Fonte: Epagri/Cepa. Sistema de Acompanhamento da Safra.

Safra Nacional de milho 2021/22¹


Figura 6. Milho – Brasil: oferta e suprimento de milho nacional – 2022²

Fonte: Conab, março de 2022.

Exportações de milho pelo Brasil em 2022

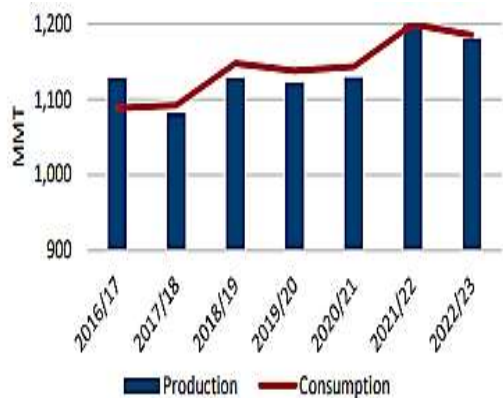

Figura 7. Milho, Brasil – Evolução das exportações de milho em grão pelo Brasil no primeiro quadrimestre – 2019-2022

Fonte: ME, Secex. Elaboração Epagri/Cepa, maio de 2022.

¹ Conab | acompanhamento da safra brasileira de grãos | v. 9 – Safra 2021/22, nº 8 – Oitavo levantamento | mai. 2022.

² Relatório Conab de maio de 2022. Adaptação e análise Epagri/Cepa.

Produção e consumo mundial de milho



De acordo com o relatório de maio do Usda, está prevista uma redução da produção global de milho em função, principalmente, de um corte na área a ser cultivada pela Ucrânia e nos Estados Unidos. A China e a União europeia também têm previsão de colheitas menores. A Argentina e o Brasil, no entanto, voltarão a ter boas produções em 2022. O comércio global deverá diminuir por falta de suprimentos exportáveis da Ucrânia. O consumo global, tanto para uso alimentar como outros, deverá ter diminuição pouco expressiva. Dos sete anos analisados, em cinco deles o consumo supera a produção (Figura 8).

Figura 8. Milho – Consumo e produção mundial – Safras 2016/17 e 2022/23 (estimativa)

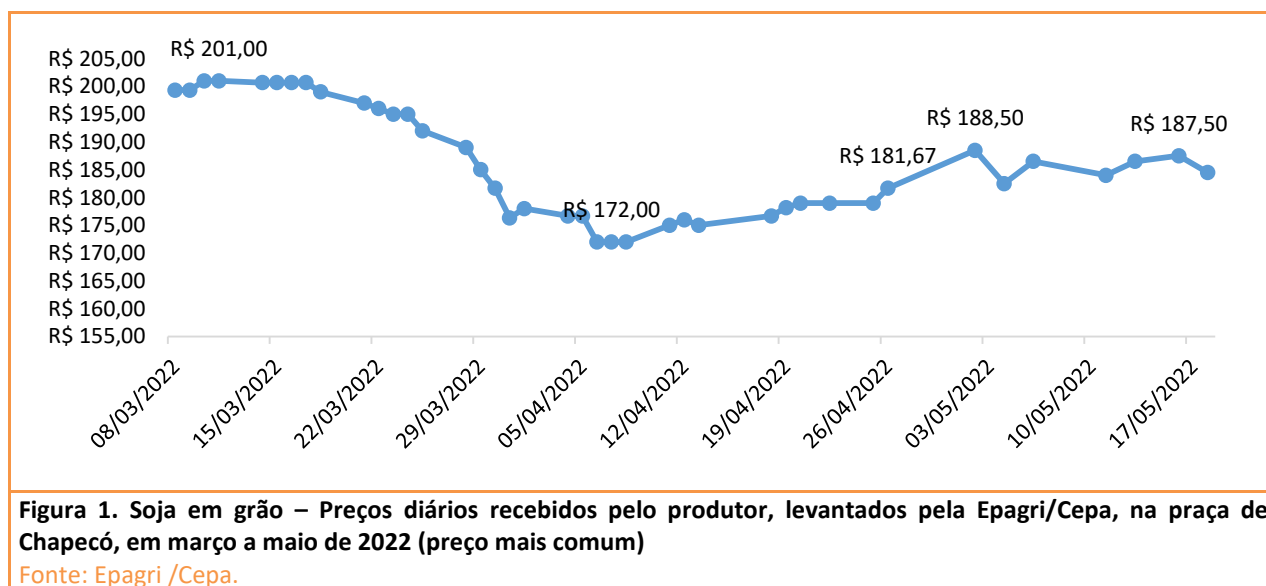
Fonte: Usda, maio 2022.

Soja

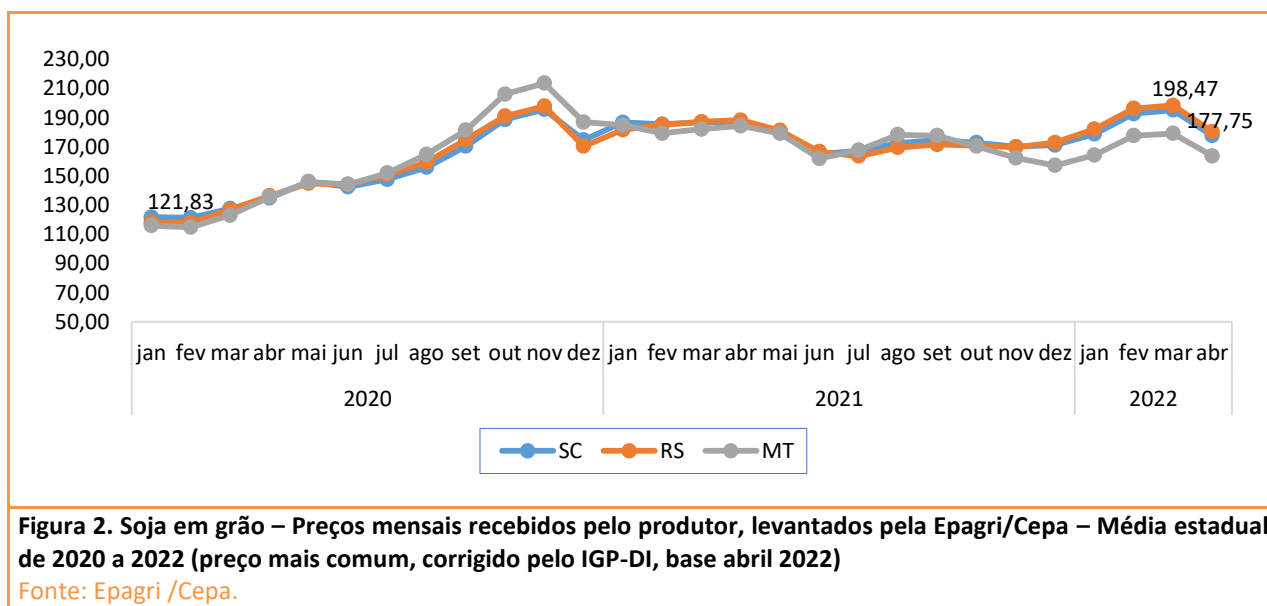
Haroldo Tavares Elias
 Engenheiro-agrônomo, Dr. – Epagri/Cepa
htelias@epagri.sc.gov.br

Preços diários e tendências do mercado

Após níveis recordes de preço, acima de R\$ 200,00 no início de março (reflexo Guerra Rússia-Ucrânia), as cotações recuaram. No final de março, a estimativa de aumento de área cultivada nos EUA para a atual safra pressionou os preços, que recuaram até a primeira quinzena de abril (Figura 1). Os ganhos no início de maio estão sendo sustentados pelo avanço dos preços do farelo e do óleo de soja. A alta dos preços deste último produto foi motivada, em parte, pelo fortalecimento do petróleo, que tem incentivado as refinarias a misturar biodiesel ao diesel. Outros fatores que atuam no mercado no período de abril e maio foram a relação cambial e o nível de demanda da China, maior importador mundial.



Na evolução do mercado nos últimos anos, verifica-se mudança, desde 2020, no padrão dos preços (admitida sua correção pelo IGP-DI). A pandemia fez com que os países se preocupassem mais com os estoques de grãos, matéria-prima para a produção de proteína animal e, em 2022, e com a guerra entre a Rússia e a Ucrânia. A inflação, em alta em várias economias e internamente, os juros elevados e os preços do petróleo trouxeram à cena outros fatores, criando um cenário de maiores incertezas e de volatilidade dos preços.



Safra estadual de verão

O prognóstico inicial da produção de soja no estado para a safra 2021/22 foi de 2,55 milhões de toneladas (ago. 2021). A estiagem em dezembro e janeiro, no entanto, impactou o prognóstico inicial da produção (Tabela 1). A atualização da estimativa em abril de 2022 foi reduzida para 2,01 milhões de toneladas, o que representa um recuo significativo de 21,4% em relação à expectativa inicial da produção.

Tabela 1. Soja – Santa Catarina – Safra de verão: estimativas de área, produção e rendimento na safra 2021/22

	Safra 2021/22 (Estimativa inicial)			Safra 2021/22 (Estimativa atual)		
	Área plant. (ha)	Prod. méd. (kg/ha)	Qtd. prod. (t)	Área plant. (ha)	Prod. méd. (kg/ha)	Qtd. prod. (t)
Araranguá	740	3.393	2.511	740	3.232	2.391
Campos de Lages	67.930	3.367	228.704	72.590	2.692	195.440
Canoinhas	146.200	3.770	551.156	149.800	3.512	526.080
Chapecó	85.490	3.394	290.121	88.260	2.221	196.015
Concórdia	7.415	3.809	28.241	7.415	2.745	20.352
Criciúma	4.440	3.492	15.505	4.440	3.328	14.778
Curitibanos	113.495	4.150	470.988	116.695	2.872	335.201
Ituporanga	8.780	3.672	32.244	8.780	2.571	22.571
Joaçaba	56.132	3.748	210.364	56.982	2.894	164.928
Rio do Sul	5.970	3.470	20.718	5.970	2.577	15.384
São Bento do Sul	12.400	3.418	42.380	12.400	3.310	41.040
São M. do Oeste	37.248	3.804	141.693	38.710	1.721	66.619
Tubarão	1.450	3.358	4.870	1.450	3.206	4.649
Xanxerê	135.643	3.805	516.072	144.750	2.792	404.134
Total geral	683.333	3.740	2.555.566	708.982	2.834	2.009.581

Fonte: Epagri/Cepa. Sistema de Acompanhamento de safra.

Safra tardia

A Epagri/Cepa iniciou o monitoramento em separado do plantio de soja, denominado, desde 2020/21, de segunda safra, ou tardia. Em relação à safra anterior, houve um avanço da área cultivada, de 42,4 mil para 62,6 mil hectares na safra atual - 2021/22 (Tabela 2). Com a forte estiagem registrada em dezembro e janeiro, uma parte das lavouras sofreu danos totais, sendo substituídas pelo plantio tardio, uma maneira de recuperar, em parte, a produção perdida na primeira safra. Até o atual levantamento, a safra está com desenvolvimento normal. Eventos climáticos (geadas com maior intensidade) até final de maio poderão afetar o rendimento esperado em regiões situadas em maior altitude.

Tabela 2. Soja safra tardia – Santa Catarina: estimativas da produção mensal na safra de 2021/22

	Safra 2021/22 (Estimativa inicial)			Safra 2021/22 (Estimativa atual)		
	Área plant. (ha)	Prod. méd. (kg/ha)	Qtd. prod. (t)	Área plant. (ha)	Prod. méd. (kg/ha)	Qtd. prod. (t)
Araranguá	385	3.325	1.280	385	3.302	1.271
Canoinhas	5.801	2.010	11.660	7.401	2.025	14.990
Chapecó	25.900	2.791	72.283	25.410	2.681	68.113
Concórdia	1.180	2.514	2.967	1.180	2.856	3.370
Criciúma	1.340	3.288	4.406	1.340	3.270	4.382
São Bento do Sul	150	1.733	260	350	1.671	585
São M. do Oeste	6.720	2.255	15.153	6.930	2.278	15.790
Tubarão	380	3.279	1.246	380	3.267	1.242
Xanxerê	19.900	2.350	46.761	19.230	2.329	44.794
Total geral	61.756	2.526	156.016	62.606	2.468	154.537

Fonte: Epagri/Cepa. Sistema de Acompanhamento de safra.

Safra Nacional³



Figura 3. Soja – Brasil: estimativas da produção mensal na safra de 2021/22

Fonte: Conab, relatório de maio/2022.

Exportações por Santa Catarina

As exportações do complexo soja por Santa Catarina apresentaram os menores volumes, no acumulado de janeiro a abril de 2022, quando comparados aos do mesmo período desde 2018 (Figura 4). A redução da produção na atual safra afetou diretamente o volume das exportações. O aumento do processamento do grão no estado, com a nova unidade industrial processadora de cooperativa na região oeste catarinense,

³ Acomp. safra brasileira de grãos, Brasília, v.9 – Safra 2021/22, n.8 - Oitavo levantamento, p. 1-100, maio 2022. 2022.

deverá absorver cerca de 25% da produção do estado, reduzindo as exportações do produto na forma de grãos, o que é positivo para a economia regional.

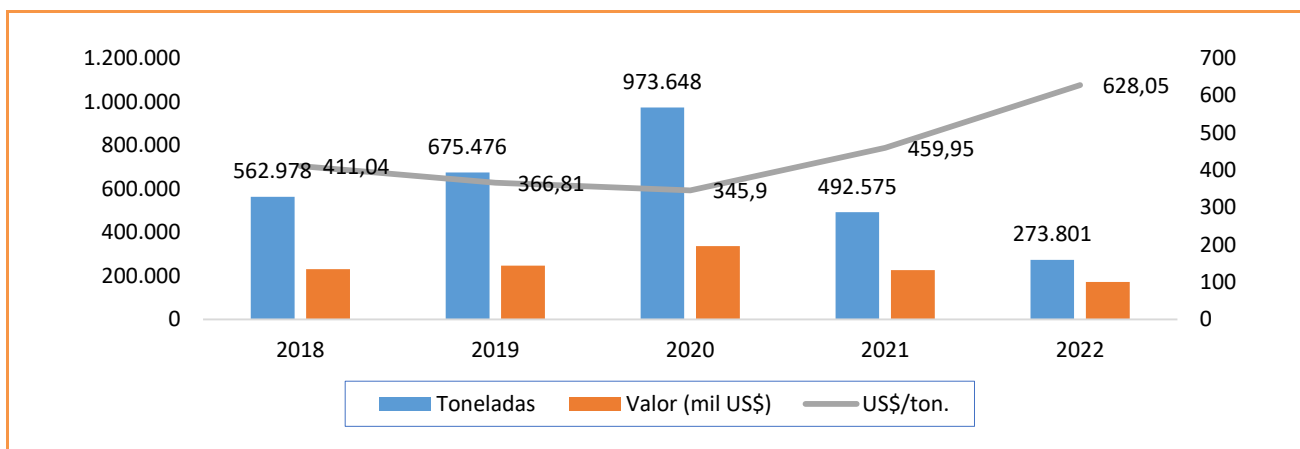


Figura 4. Soja – Santa Catarina: evolução das exportações do complexo soja, acumulado de janeiro a abril, de 2018 a 2022

Fonte: ME, Secex, maio 2022.

Safra e mercado mundial:⁴

O relatório de maio do Usda prevê que a produção global de oleaginosas cresça 8% em 2022/23, principalmente devido ao crescimento da produção de soja na América do Sul e nos Estados Unidos (Figura 5), bem como a produção de colza no Canadá e na União Europeia, compensando as perdas da produção de girassol na Ucrânia e na Rússia. A produção mundial de oleaginosas está projetada para atingir 647 milhões de toneladas, com a produção de soja em 45 milhões de toneladas, um aumento de 13%. Estima-se que o consumo global desses produtos aumente 3% em 2022/23, impulsionado pela maior demanda de soja pela China, como resultado de uma recuperação das importações observada no último ano. O consumo crescente deverá ser responsável pela maior parte do crescimento no uso global das oleaginosas. Prevê-se que esse comércio global aumente, devido, principalmente, à maior demanda de soja pela China.

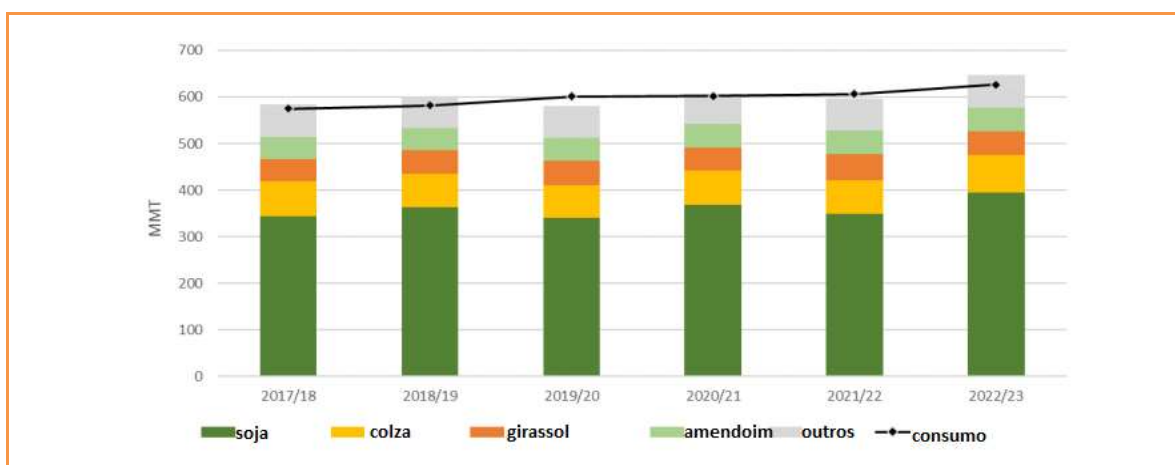


Figura 5. Soja – Evolução da produção e consumo de oleaginosas e projeção para 2022/23

Fonte: Usda, relatório de abr. 2022. USDA. Global Market, Analysis Oilseeds, 2 May. 2022.

⁴ USDA. Global Market Analysis Oilseeds: World Markets and Trade. Foreign Agricultural Service/USDA 2, may 2022.

Mercado mundial



No cenário internacional, verifica-se fortes oscilações nas cotações nos últimos 30 dias (abril/maio). A estimativa de aumento de área de cultivo de soja nos EUA (USDA, maio, 2022) pressionou as cotações na primeira quinzena de maio. Após este período as cotações retomam valores acima de U\$/buschel. A retomada das importações pela China, demanda por óleo e cotações do petróleo são fatores presentes na movimentação do mercado.

Figura 6. Soja – Mundial: cotações referentes a contrato julho 2022, 20/04 a 18/05/2022

Fonte: Investing. NY.

Trigo

João Rogério Alves
Engenheiro-agrônomo – Epagri/Cepa
joaoalves@epagri.sc.gov.br

Mercado

No mês de abril, as cotações de trigo no mercado catarinense tiveram uma variação negativa de 3,18%, fechando em R\$ 94,58/sc de 60 kg. Na comparação anual, observa-se que, em termos nominais, os preços cobrados em abril deste ano estão 13,28% acima daqueles registrados em abril de 2021. O comportamento baixista nas cotações do trigo grão também foi registrado no mercado paranaense e no gaúcho.

Tabela 1. Trigo Grão – Preços médios pagos ao produtor – R\$/sc de 60 kg

Estado	Abr./22	Mar./22	Varição mensal (%)	Abr./21	Varição anual (%)
Santa Catarina	94,58	97,69	-3,18	83,49	13,28
Paraná	93,73	97,10	-3,47	87,27	7,40
Mato Grosso do Sul	92,91	91,85	1,15	85,30	8,92
Goiás	113,00	111,79	1,08	97,25	16,20
Rio Grande do Sul	94,39	96,66	-2,35	80,37	17,44

Nota: Trigo Pão PH78.

Fonte: Epagri/Cepa (SC), Deral/Seab (PR), Conab (MS, GO e RS); mai. 2022.

Dentre os fatores altistas para as cotações do trigo registra-se a persistência do conflito entre a Rússia e a Ucrânia, que continua influenciando o cenário de incertezas. Nas exportações mundiais, Rússia e Ucrânia juntas respondem por 28,5% de todo o trigo comercializado. Além disso, a Rússia é um dos principais exportadores mundiais de energia e fertilizantes. Para os fertilizantes nitrogenados, sua participação nas exportações globais é de 15% e, quanto aos fertilizantes potássicos, chega a 17%.

Este cenário conturbado promove alterações no câmbio e nos fluxos de comércio internacional de muitas nações; conseqüentemente, provoca aumento nas cotações das *commodities*. Os países, para evitar aumentos de preço em seu mercado interno e evitar desabastecimento, adotam políticas restritivas. A Hungria, por exemplo, passou a proibir as exportações de todos os grãos, enquanto a Rússia limitou suas exportações de fertilizantes e trigo.

Já como fatores baixistas, podemos mencionar recente relatório da consultoria russa de pesquisa agrícola SovEcon, segundo o qual as previsões de produção de trigo russo na safra 2022/23 se elevaram para 87,4 milhões de toneladas. Ainda segundo a consultoria, apesar do conflito com a Ucrânia e das sanções impostas pelos compradores internacionais, a previsão é de aumento nas exportações de trigo, uma vez que problemas de logística e de transferência de pagamentos estariam equacionados.

Na bolsa de Chicago, as cotações do trigo apresentaram sucessivas quedas no mês de abril. Contribuiu para isso a retomada das exportações do cereal da Ucrânia, que conseguiu estabelecer uma rota de escoamento de sua produção pela Romênia. Outro fator está relacionado à alta do dólar, que tem afugentado compradores, dificultado as exportações norte-americanas.

Entretanto, nas primeiras semanas de maio, os preços começaram a reagir. O relatório do Departamento de Agricultura do Estados Unidos (Usda) de maio apresentou um cenário de oferta reduzido do trigo estadunidense na safra 2022/23, assim como menores a exportação e os estoques finais, resultando em preços elevados para o cereal.

Ainda segundo o relatório, a primeira previsão, baseada em pesquisa para a produção de trigo de inverno 2022/23, caiu 8% em relação ao último ano. A falta de chuvas comprometeu a safra de inverno, com os

mais altos índices de abandono das lavouras de trigo desde 2002, sobretudo no Texas e em Oklahoma. Já para o trigo de primavera, o excesso de chuvas está atrapalhando a evolução dos plantios, que já estão atrasados. Com isso, muitos produtores estão optando por plantar mais milho, em detrimento da cultura do trigo.

A previsão norte-americana para a safra global 2022/23 é de que teremos uma menor oferta de trigo, e um menor consumo, e um incremento no comércio internacional, resultando num estoque final mais baixo. Contribui para isso a redução da produção na Ucrânia, na Austrália e em Marrocos, que deverá ser parcialmente compensada por aumentos na produção do Canadá, da Rússia e dos Estados Unidos.

A produção na Ucrânia está prevista em 21,5 milhões de toneladas em 2022/23, 11,5 milhões a menos que em 2021/22, devido à guerra em curso. A produção do Canadá está prevista em 33,0 milhões de toneladas, aumento significativo em relação à safra afetada pela seca do ano passado. Quanto ao comércio mundial, é projetado um recorde de 204,9 milhões de toneladas, um aumento de 5,0 milhões em relação ao ano passado. A Rússia está sendo prevista como o principal exportador de trigo em 2022/23, com 39,0 milhões de toneladas, seguida pela União Europeia, a Austrália, o Canadá e os Estados Unidos.

Safra

No estado do Rio Grande do Sul, segundo dados da Emater/RS-Ascar, a intenção de plantio de trigo para esta safra é alta, com uma projeção de cultivo de 1,25 milhão de hectares, contra 1,17 milhão de hectares na safra passada, um crescimento de 6,8%. Já no Paraná, segundo dados do Deral/Seab, a expectativa é de uma pequena diminuição - de 5% - na área plantada, passando de 1,23 milhão para 1,17 milhão de hectares.

Segundo dados da Conab, para a safra 2022/23, que está sendo plantada, a estimativa é que haja um aumento de 3% na área, com o cultivo de 2.821,9 mil hectares de trigo, resultando em uma safra 6% maior em relação à anterior. A produtividade deverá ter um incremento de 2,8%, resultando em uma média de 2.881 kg/ha.

Neste momento, produtores estão buscando na cultura do trigo a possibilidade de reduzir os prejuízos que tiveram com a estiagem nas lavouras de soja e milho. O produtor está analisando todo o sistema produtivo da propriedade, considerando os cultivos de verão e de inverno. O alto preço dos insumos, contudo, tem assustado os produtores.

Tabela 2. Trigo Grão – BR: comparativo de área, produtividade e produção – Safras 2021/22 e 2022/23

Região	Área (mil ha)			Produtividade (kg/ha)			Produção (mil t)		
	Safra 2021	Safra 2022	Var. %	Safra 2021	Safra 2022	Var. %	Safra 2021	Safra 2022	Var. %
Nordeste	6	6	0	5.700	5.700	0	35	35	0
Centro-Oeste	93	88	-5	1.976	2.914	47	183	257	40
Sudeste	159	174	9	2.676	2.745	3	426	476	12
Sul	2.481	2.554	3	2.835	2.883	2	7.035	7.363	5
Brasil	2.739	2.822	3	2.803	2.881	3	7.679	8.131	6

Nota: Estimativa em maio de 2022.

Fonte: Conab 2022.

Hortaliças

Alho

Jurandi Teodoro Gugel
Engenheiro-agrônomo - Epagri/Cepa
jurandiqugel@epagri.sc.gov.br

Há indicativos consistentes que apontam para a autossuficiência na produção de alho no Brasil nos próximos anos, inclusive com perspectivas de alcançar o mercado externo com produto de alta qualidade, como é o caso dos alhos roxos. Os avanços dos últimos anos sinalizam a superação dos impactos negativos a que a abertura da economia, nos anos 1990, e o Mercosul, em 1995, expuseram a cadeia produtiva, assim como também contribuiu a concorrência aberta e sem regulamentação com a produção de países altamente competitivos, como a China, a Argentina e a Espanha.

Nas últimas safras, os avanços tecnológicos no processo produtivo da cultura do alho foram determinantes para o engajamento de produtores na ampliação de cultivos em todas as regiões do País, especialmente nos estados de Goiás e Minas Gerais, os maiores produtores nacionais. Se, por um lado, houve avanços tecnológicos na produção - como uso de alho-semente livre de vírus, adubações mais “customizadas”, manejo do solo e tratamentos fitossanitários -, por outro, há um clima de apreensão com relação à implantação da safra 2022/23 em função da disparada dos custos de produção, especialmente em itens como fertilizantes, agrotóxicos e combustíveis, dentre outros componentes. Sendo assim, a cadeia produtiva está sendo desafiada a encontrar, em curtíssimo prazo, alternativas capazes de manter a produção nos atuais patamares para manter o espaço conquistado no mercado interno nos últimos dois anos.

Em boletins anteriores, vimos registrando os avanços tecnológicos e as expectativas que o país vive na cultura do alho. Entende-se haver efetivamente uma transição técnico-produtiva em curso na cadeia, que pode impactar fortemente a produção da hortaliça, com o incremento de tecnologias baseadas em automação de atividades que atualmente demandam muita mão de obra – como agricultura 4.0 e manejo das lavouras no campo -, que tornam a atividade cada vez mais dependente de capital.

Corroboram, neste sentido, as informações de associações estaduais de produtores de alho e as da Associação Nacional dos Produtores de Alho (Anapa), indicando que no ano de 2021 a produção de alho no Brasil teve, em relação a 2020, aumento de aproximadamente 30% na área plantada, basicamente centrada em modelo de produção de escala, em propriedades de áreas maiores e de lavouras altamente tecnificadas.

Segundo a Anapa, o plantio de alho em 2021 foi de aproximadamente 16 mil hectares, puxado principalmente pelos estados de Minas Gerais e Goiás. Nesses estados, são frequentes os exemplos de lavouras com produtividade acima de 20 toneladas por hectare, podendo desequilibrar os sistemas produtivos baseados em pequenas áreas, basicamente a produção de alho no Sul do País.

Neste sentido, os desafios para os produtores catarinenses são importantes, pois, de acordo com as características de sua produção da hortaliça, para que Santa Catarina se mantenha com relativa importância na produção nacional de alho, há que se desenvolver uma série de ações articuladas entre o poder público e a cadeia produtiva. Para que isso ocorra, será necessário adotar algumas políticas públicas de apoio à produção, com a incorporação de tecnologias adequadas ao sistema da agricultura familiar, focando em ações como organização dos produtores para a agregação de valor ao produto, pesquisa e assistência técnica com vistas ao fortalecimento da cadeia produtiva e à viabilidade econômica, especialmente dos pequenos produtores.

Preço

A safra catarinense de alho segue em sua etapa de comercialização. A estimativa é de que o volume comercializado já tenha ultrapassado 90% da produção.

Com relação a preço ao produtor, de acordo com o projeto de acompanhamento de preços da Epagri/Cepa, na praça de referência de Joaçaba, os produtores receberam, no mês de abril, R\$5,83/kg para as classes 2 e 3; R\$8,96/kg para as classes 4 e 5 e R\$11,62/kg para alhos classes 6 e 7.

No mercado atacadista da Ceagesp, unidade do governo federal localizada no município de São Paulo, maior central de abastecimento do Brasil, o alho roxo nobre nacional, classe 5, foi comercializado na primeira quinzena de abril a R\$15,69/kg, redução de 5,63% em relação ao início do mês de março. No mesmo período, o alho classe 6 foi comercializado a R\$17,24/kg, redução de 7,01%. A partir do início da segunda quinzena, houve pequena melhoria nos preços, fechando o mês com o preço do alho classe 5 a R\$16,60/kg, aumento de 5,79%, e o alho classe 6, a R\$18,22/kg, aumento de 5,64% em relação ao início do mês.

Ainda em abril, o alho argentino permaneceu com preços menores do que o alho nacional, fechando o mês em R\$14,68/kg, R\$13,68/Kg e R\$12,68/kg para as classes 5, 6 e 7, respectivamente.

O mês de maio se iniciou com os preços de atacado para o alho roxo nacional com redução em relação aos preços do final de abril. O alho classe 5 foi comercializado, no final da primeira semana do mês, a R\$15,71/kg, redução de 5,9%; já o alho classe 6 passou a R\$17,30/kg, redução de 5,04%, e o alho classe 7, a R\$19,31/kg, redução de 2,52% em relação ao final do mês de abril.

Na Ceasa/SC, unidade de São José, no mês de abril, o preço do alho nobre nacional teve pouca variação no atacado. O produto classes 4 e 5 foi comercializado a R\$15,00/kg ao longo de praticamente todo o mês. O preço do alho classes 6 e 7 manteve-se sem variação, fechando o mês em R\$16,50/kg. O alho importado, classes 4 e 5, permaneceu com preço estável e foi comercializado a R\$15,00/kg, mesmo preço do final do mês de março.

Produção

A colheita da safra catarinense 2021/22 foi concluída no mês de janeiro. A comercialização segue para a fase final, restando aproximadamente 10% da produção estadual para ser comercializada, ou seja, menos de 1,9 mil toneladas do produto.

Comércio exterior

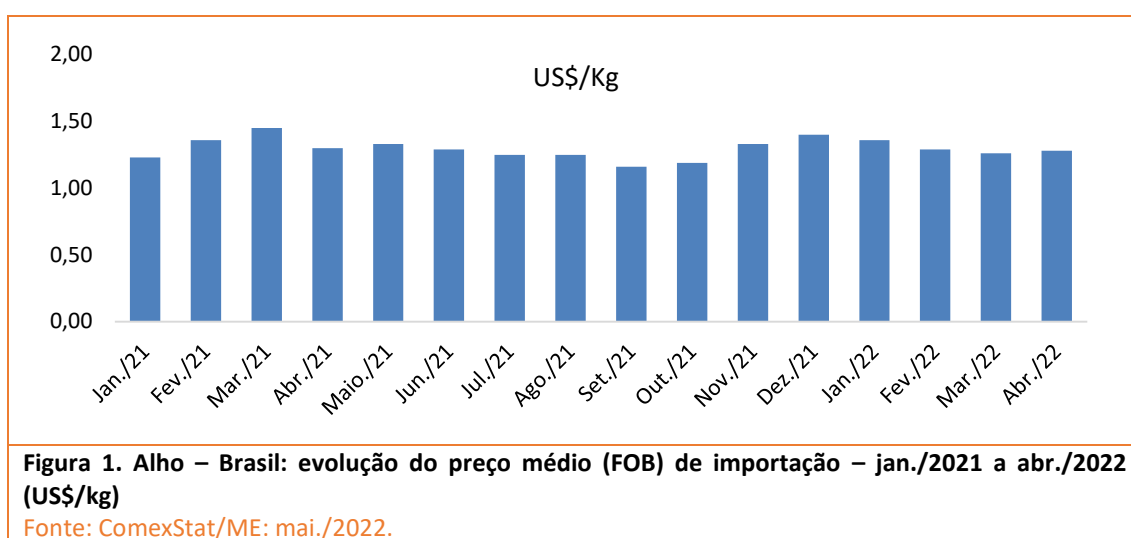
Em abril de 2022, foram importadas 11,48 mil toneladas de alho, redução de 25,59 % em relação ao mês de março. O volume internalizado no primeiro quadrimestre do ano foi de 50 mil toneladas, com redução de 9,44% em relação ao mesmo período do ano passado.

Como pode ser visto na tabela 1, em 2021 o Brasil importou o menor volume no período analisado, o mais baixo volume dos últimos quinze anos, fechando o ano com a importação de 125,70 mil toneladas, significando uma redução de 35,04% em relação a 2020, o que favoreceu significativamente a produção nacional da hortaliça (Tabela 1).

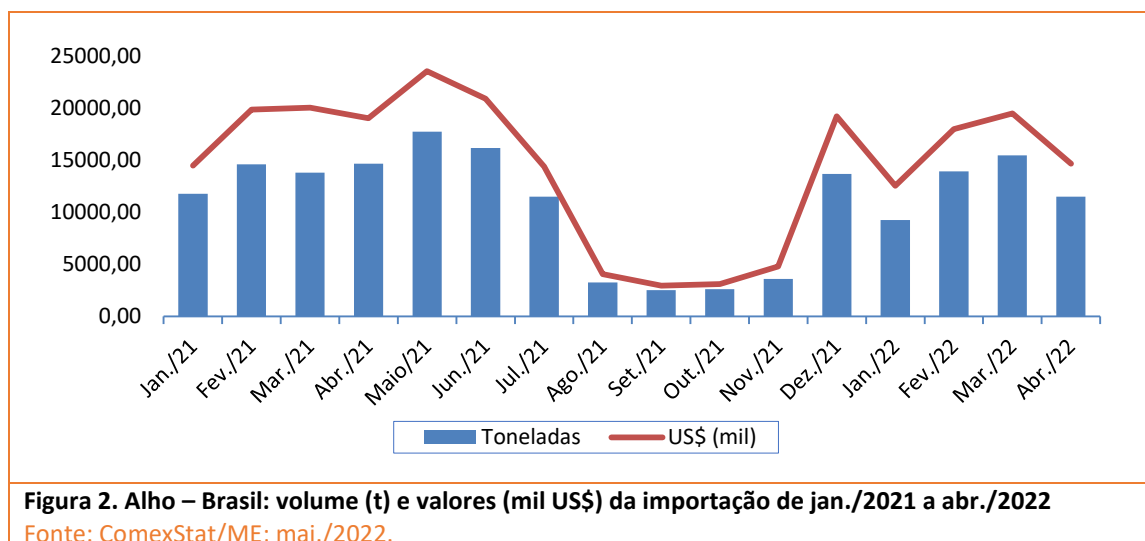
Tabela 1. Alho – Brasil: importações de jan./2018 a abr./2022 (mil t)													
Ano	Jan.	Fev.	Mar.	Abr.	Mai	Jun.	Jul.	Ago.	Set.	Out.	Nov.	Dez.	Total
2018	17,24	14,53	17,28	14,77	16,67	13,33	15,99	12,70	8,61	10,39	7,59	15,71	164,81
2019	18,06	16,28	13,59	15,77	15,56	12,58	15,05	11,21	7,78	11,16	9,20	19,19	165,43
2020	20,43	15,07	16,36	14,57	16,69	18,93	23,33	15,90	12,01	9,39	16,15	14,63	193,46
2021	11,76	14,58	13,76	14,62	17,71	16,15	11,49	3,25	2,53	2,61	3,57	13,65	125,68
2022	9,2	13,89	15,43	11,48	-	-	-	-	-	-	-	-	50,00

Fonte: Comexstat/ME: maio/2022.

Com relação ao preço médio do alho importado (FOB), verificou-se pequeno aumento no mês de abril, chegando a US\$ 1,28/kg, o que significa aumento de 1,59% em relação ao preço do mês anterior, porém distante do melhor preço da série, que em mar./21 foi de US\$ 1,45/kg (Figura 1).



Na figura 2, apresentamos a evolução da quantidade de alho internalizada e o desembolso mensal do Brasil no período de janeiro de 2021 a abril de 2022. O desembolso com a importação da hortaliça no mês de abr./22 foi de US\$14,64 milhões (FOB), redução de 24,73% em relação ao de março; o volume importado foi de 11,48 mil toneladas, redução de 25,60%.



Os principais fornecedores de alho para o Brasil, no mês de abril, foram a Argentina, com 10,68 mil toneladas, perfazendo 93,08% da importação no mês; a China, com 635,5 toneladas, o equivalente a 5,53%, e os demais países com 165 toneladas, perfazendo 1,43% do total importado (Figura 3).

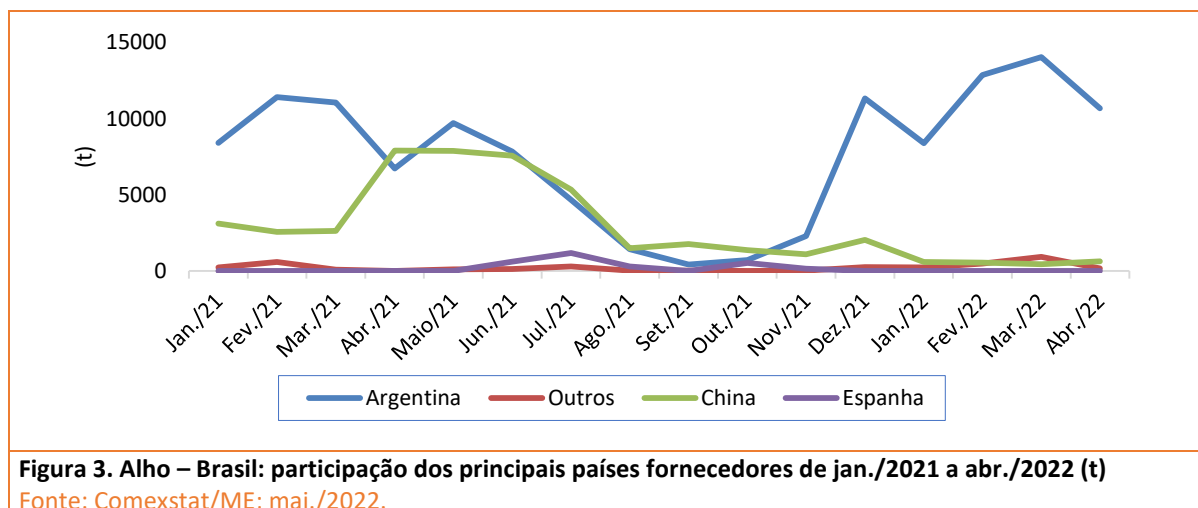


Figura 3. Alho – Brasil: participação dos principais países fornecedores de jan./2021 a abr./2022 (t)
Fonte: Comexstat/ME; mai./2022.

Considerando a história e a importância socioeconômica da cultura do alho em Santa Catarina e seu papel na geração de trabalho e renda para milhares de agricultores familiares, bem como na dinamização das economias de pequenos municípios, mantemos o texto de boletins anteriores, que relaciona a pauta de reivindicações debatida e aprovada na câmara técnica do alho do Conselho Estadual de Desenvolvimento Rural, realizada em 15/12/2021.

A pauta lista um conjunto de ações das políticas públicas de apoio à produção da hortaliça em Santa Catarina, como se segue:

- maior rigor do estado na fiscalização nas fronteiras quando da entrada do produto importado, exigindo o cumprimento das normas do Mercosul;
- maior envolvimento da estrutura do estado na construção e divulgação da IG do alho roxo do Planalto Catarinense;
- melhorias e manutenção das estações meteorológicas da região produtora de alho;
- apoio da Secretaria de Estado da Agricultura, da Pesca e do Desenvolvimento Rural (SAR) à pesquisa sobre a cultura, com financiamentos para a produção e aquisição de sementes de qualidade superior e livre de vírus;
- estruturação do programa de apoio à infraestrutura de produção das propriedades produtoras, especialmente na armazenagem de água para a irrigação.

A pauta apresentada pela Câmara Setorial é o patamar mínimo de iniciativas e ações que a cadeia produtiva espera para manter uma produção competitiva economicamente e viável no estado.

Cebola

Jurandi Teodoro Gugel
Engenheiro-agrônomo - Epagri/Cepa
jurandigugel@epagri.sc.gov.br

A comercialização da safra catarinense de cebola 2021/22 está na reta final de comercialização, devendo ser concluída até o final deste mês. A boa qualidade dos bulbos produzidos em Santa Catarina contribuiu para a boa aceitação do produto no mercado nacional. Esta condição, associada ao fato de que o estado foi praticamente o único fornecedor da hortaliça no mercado interno, levou os produtores catarinenses a receber preços bem remuneradores no final do mês de abril e início de maio.

Preços e mercado

A conjuntura manteve-se favorável aos produtores catarinenses no mês de abril em função da boa qualidade do produto e da menor oferta da hortaliça, visto que o estado era praticamente o único fornecedor. O adiamento da entrada da produção de regiões importantes, como São Paulo e o Nordeste, também contribuíram para uma situação de mercado positiva para os produtores de Santa Catarina que ainda dispunham de produção para comercializar.

Dessa forma, o preço médio pago ao produtor catarinense no mês de abril, de acordo com o sistema de preços e mercado da Epagri/Cepa, foi de R\$2,87/kg, tendo como referência a praça de Rio do Sul. Um salto de 32,87% em relação ao mês de março.

Na Ceagesp/SP, na primeira semana de abril, o preço da cebola média foi de R\$2,96/kg, aumento de 3,5% em relação aos preços em vigor no início de março, que eram de R\$2,86/kg. Com reação a partir da segunda quinzena, porém, o preço passou a R\$4,62/kg no final do mês, representando um aumento de 56% em relação ao início do mês.

O mês de maio se iniciou com o preço da cebola nacional, tamanho médio, com cotação de R\$ 4,59/kg, o que representa 55% de aumento em relação ao início de abril.

A cebola importada da Argentina foi comercializada, em abril, na faixa de R\$3,10/kg até o início da segunda quinzena, reagindo após este período e fechando o mês em R\$4,80/kg.

Na Ceasa/SC (unidade de São José), o mês de abril se iniciou com preço da cebola no atacado a R\$2,50/kg, redução de 10% em relação ao início de março, fechando o mês, porém, a R\$4,25/kg, aumento de 70% em relação ao do início. Nas primeiras semanas de maio, o preço teve pequenas reduções, passando, no dia 13, para R\$3,75/kg. O preço de atacado da cebola importada argentina manteve-se, durante todo o mês de abril e início de maio, em R\$2,25/kg.

Safra Catarinense

Conforme o projeto de acompanhamento de safras da Epagri/Cepa, a safra catarinense de cebola 2021/22 se aproxima do final da comercialização com mais de 95% da produção comercializada. Os resultados econômicos dos produtores podem ser considerados satisfatórios, visto que os preços pagos ao produtor foram maiores que os da estimativa média do custo para a atual safra, que acaba de ser comercializada.

Conforme mencionado em boletins anteriores, a Epagri/Cepa fechou os números da produção da safra de cebola 2021/22 nas principais regiões produtoras do estado. A produção foi de 495.995 toneladas, produzidas em uma área plantada de 17.467 ha, com produtividade média de 28.396 kg/ha. Em relação à safra 2020/21, o crescimento foi de 27,19% na produção total, e de 26,94% em ganho de produtividade. As

condições climáticas, favoráveis durante a maior parte do período de desenvolvimento da cultura, contribuíram para a recuperação do volume de produção em patamares históricos em Santa Catarina.

Importação

Os dados do Siscomex/ME, sistema que registra as exportações e importações no Brasil, indicam que o volume da hortaliça importada pelo País vem diminuindo nos últimos anos. A redução tem relação, dentre outros fatores, com os efeitos da pandemia da Covid-19, que elevou o custo do frete marítimo e a taxa de câmbio com dólar elevado frente ao real. Em 2021, o País importou 116,96 mil toneladas de cebola, volume 40,85% menor que no ano de 2020. No primeiro quadrimestre de 2022, as importações foram de 63.319 toneladas, sinalizando comportamento semelhante ao de anos anteriores para o período, conforme mostra a tabela 1.

Tabela 1. Cebola – Brasil: importações de janeiro de 2019 a abril de 2022 (t)													
Ano	Jan.	Fev.	Mar.	Abr.	Mai.	Jun.	Jul.	Ago.	Set.	Out.	Nov.	Dez.	Total
2019	831	6.464	25.176	51.765	33.103	28.366	15.297	14.272	21.211	12.705	1.557	773	211.520
2020	58	218	13.860	48.370	74.214	48.347	7.788	1.364	555	2.045	293	640	197.752
2021	911	14.809	26.040	46.934	22.833	2.966	194	168	218	327	550	1.011	116.961
2022	668	3.220	29.178	30.254	-	-	-	-	-	-	-	-	63.320

Fonte: ComexStat/ME, maio 2022.

Apesar da redução nas importações, o País é um mercado importante para a produção de alguns países, notadamente da Argentina, do Chile, da Espanha e do Países Baixos, como pode ser visto na tabela 2. Nela, apresentamos os principais países fornecedores da hortaliça no ano de 2021 e no primeiro quadrimestre de 2022, com os respectivos volumes e valores totais em US\$ (FOB).

Em 2021, das 116 mil toneladas de cebola importadas, 98,65 mil vieram da Argentina, ou seja, com 84,34% do volume total. Em seguida, vêm os Países Baixos, com 8,76 mil toneladas, 7,49% do total, e o Chile, com 7,15 mil toneladas, significando 6,12% do total importado. Os demais países forneceram apenas 2,05% do total importado.

Em 2021, o preço médio FOB foi de US\$ 0,23/kg. O desembolso total com a importação de cebola pelo País foi de aproximadamente US\$ 27,25 milhões (FOB) (Tabela 2).

Em 2022, o volume importado até o mês de abril foi de 63,32 mil toneladas, com preço médio de US\$ 0,245/kg (FOB), aumento de 6,5% em relação ao mês de abril do ano passado.

Tabela 2. Cebola – Brasil: principais países fornecedores em 2021 e 2022 ^(*)				
Países	2021		2022 ^(*)	
	(US\$ mil) FOB	Volume (t)	(US\$ mil)	Volume (t)
Argentina	19.162,26	98.650	8.893,07	46.335,0
Chile	2.888,34	7.155	5.760,41	14.791,0
Países Baixos	3.161,48	8.767	525,07	1.298,0
Espanha	409,52	2.008	300,20	796,0
Nova Zelândia	58,3	104	0,00	0,0
Uruguai	84,93	253	0,00	0,0
Peru	10,00	24	6,25	50,0
Estados Unidos	0,00	0,00	15,45	50,0
Total	27.774,83	116.961,00	15.500,45	63.320

^(*) Valores até abril 2022.

Fonte: ComexStat/ME, mai. 2022.

Em abril, foram importadas 30.254 toneladas de cebola, crescimento de 3,68% em relação ao mês de março e redução de 55% em relação a abril de 2021. O desembolso do País, no mês, foi de US\$ 7,56 milhões, como pode ser visto no gráfico de comportamento das importações de cebola pelo Brasil (Figura 1).

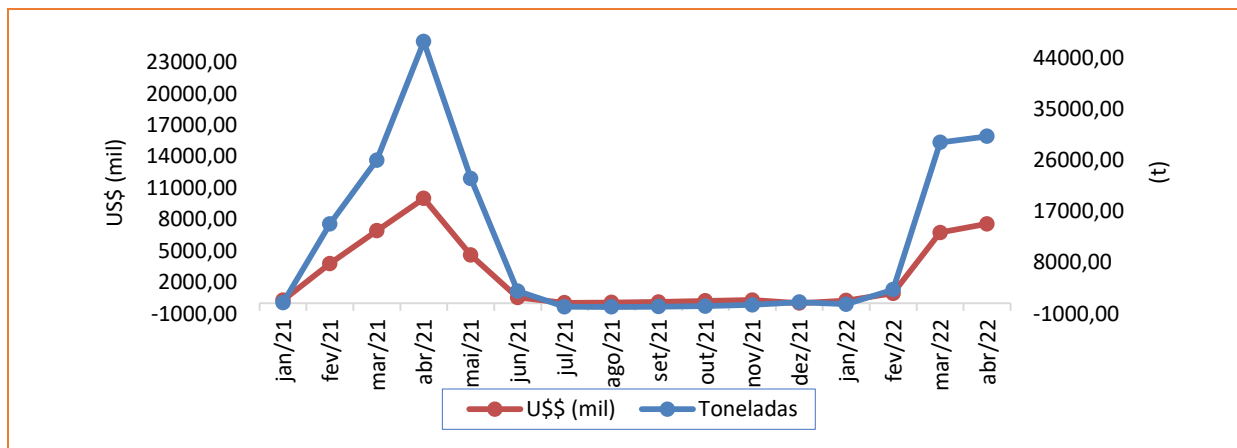


Figura 1. Cebola – Brasil: importação mensal de jan./2021 a abr./2022

Fonte: ComexStat/ME, mai./2022.

No mês de abril, os países fornecedores da hortaliça para o Brasil foram a Argentina (com 23 mil toneladas, 76,03% do volume total), o Chile (com 6.647 toneladas, significando 21,97% das importações) e os Países Baixos (com 605,8 toneladas, representando 2,00% do total).

Como pode ser visto na figura 2, de junho de 2021 a fevereiro de 2022, houve redução significativa das importações, reflexo de diversos fatores conjunturais, como a pandemia e a desvalorização do real frente ao dólar. Com o aumento de preço no mercado interno, a cebola argentina passou a ser mais competitiva, recuperando mercado no Brasil nos meses de março e abril.

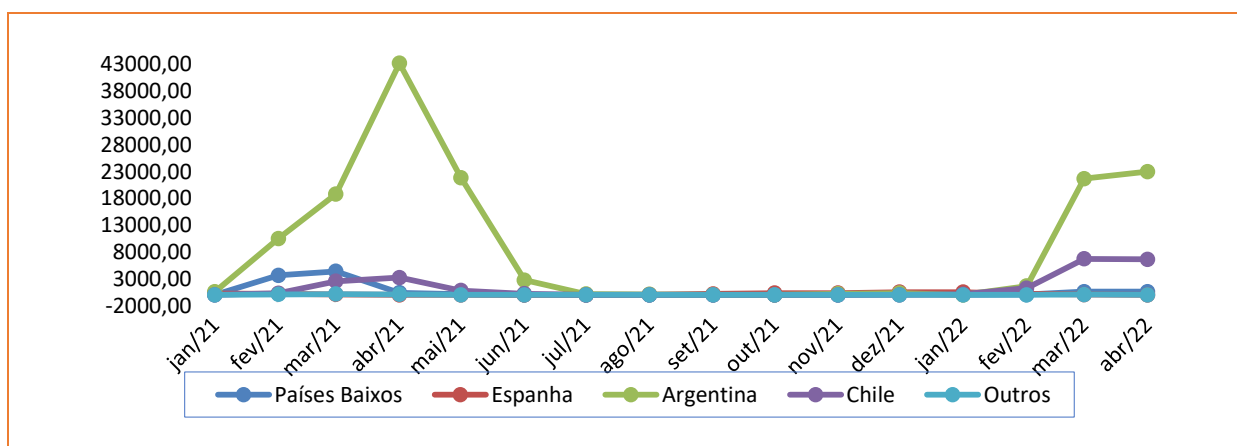


Figura 2. Cebola – Brasil: volume importado dos principais países fornecedores – jan./2021 – mar./2022

Fonte: ComexStat/ME, mai./2022.

O fechamento dos dados da safra das principais regiões catarinenses produtoras de cebola na safra 2021/22 indicou um bom desempenho da cultura no estado, tanto em volume de produção, quanto em produtividade e qualidade da hortaliça. O aumento de preços ao produtor, verificado na fase final de comercialização, contribuiu para melhorar ainda mais o desempenho da safra no estado. Dessa forma, é possível que as expectativas de plantio para a próxima safra - 2022/23 - se mantenham nos patamares da safra 2021/22, apesar das preocupações com a expressiva alta dos custos de produção, puxados especialmente pelos fertilizantes e agrotóxicos.

Pecuária

Avicultura

Alexandre Luís Giehl
 Engenheiro-agrônomo – Epagri/Cepa
alexandregiehl@epagri.sc.gov.br

Preços

Nas primeiras semanas de maio, os preços do frango vivo apresentaram movimentos distintos nos dois principais estados produtores: queda de 1,5% no Paraná e alta de 0,7% em Santa Catarina. Na comparação entre os valores preliminares do corrente mês com os registrados em maio de 2021, as variações são de 22,6% em Santa Catarina e de 11,5% no Paraná. A inflação acumulada nos últimos 12 meses foi de 12,1%, segundo o IPCA/IBGE.

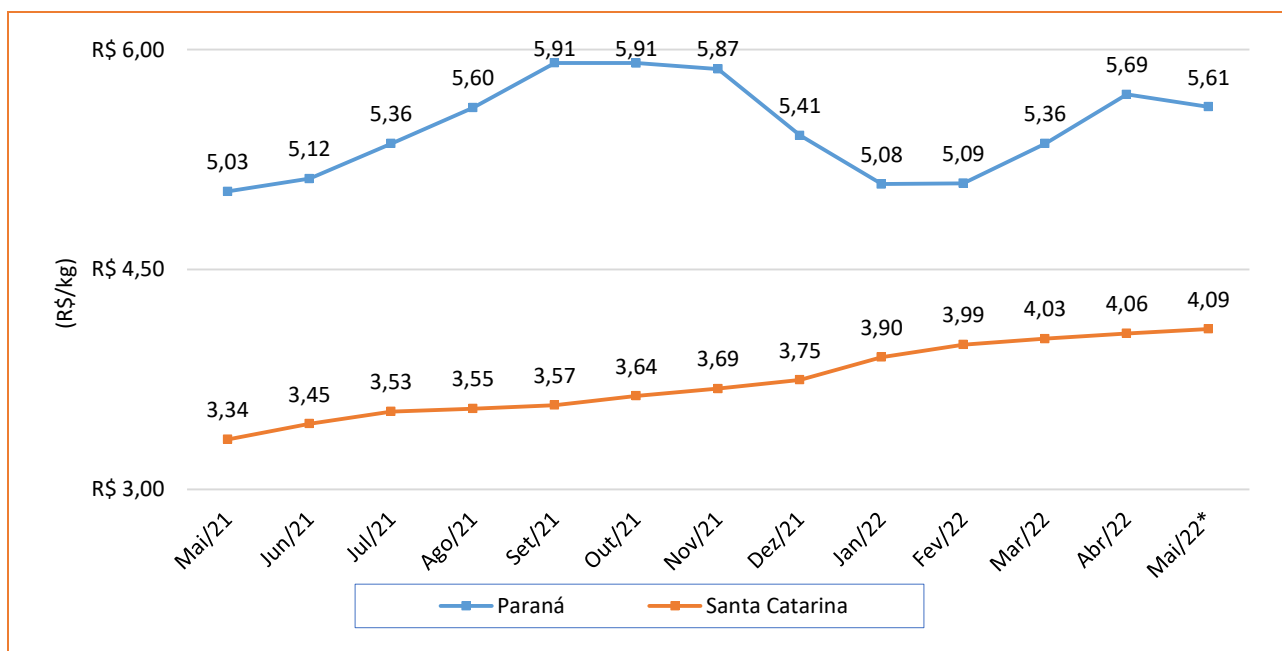


Figura 1. Frango vivo – Santa Catarina e Paraná: preço médio mensal aos avicultores (R\$/kg)

⁽¹⁾ Refere-se ao custo do frango vivo na integração, posto na plataforma da agroindústria.

* Os valores de maio são preliminares, relativos ao período de 1 a 16 de maio de 2022.

Fonte: Epagri/Cepa (SC); Seab (PR); IEA (SP).

Das três praças de levantamento de preços em Santa Catarina, somente em Chapecó se registrou alta na comparação entre as duas primeiras semanas de maio e a média do mês anterior: 1,9%. Em Joaçaba e na região sul-catarinense, os preços mantiveram-se inalterados no período. Na comparação com maio de 2021, observam-se variações positivas em todos os casos: 26,8% em Chapecó; 25,9% no sul catarinense e 12,3% em Joaçaba.

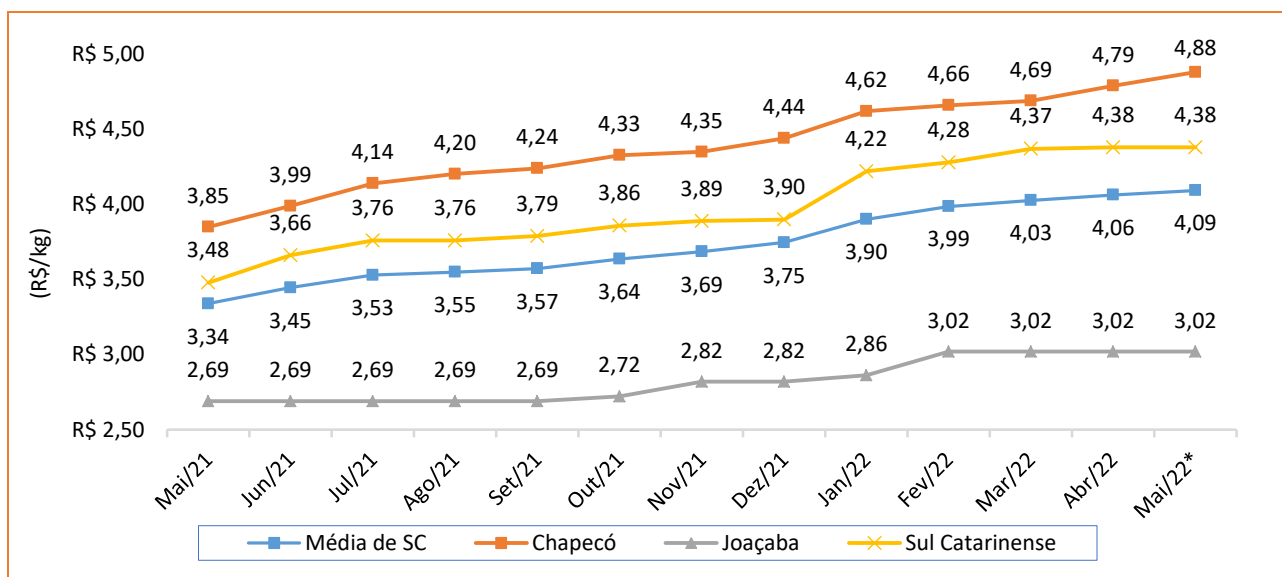


Figura 2. Frango vivo – Santa Catarina: preço médio pago ao produtor nas principais praças do estado (R\$/kg) ⁽¹⁾

Refere-se ao custo do frango vivo na integração, posto na plataforma da indústria.

* Os valores de maio são preliminares, relativos ao período de 1 a 16 de maio de 2022.

Fonte: Epagri/Cepa.

Nas primeiras semanas de maio, mais uma vez predominaram os movimentos de alta nos preços da carne de frango no mercado atacadista. Na comparação com a média do mês anterior, observaram-se as seguintes variações: 12,9% para o peito com osso; 5,8% para o filé de peito e 2,9% para o frango inteiro congelado. O único corte que apresentou variação negativa no período foi o da coxa/sobrecoxa: -2,0%. A variação média foi de 4,9%.

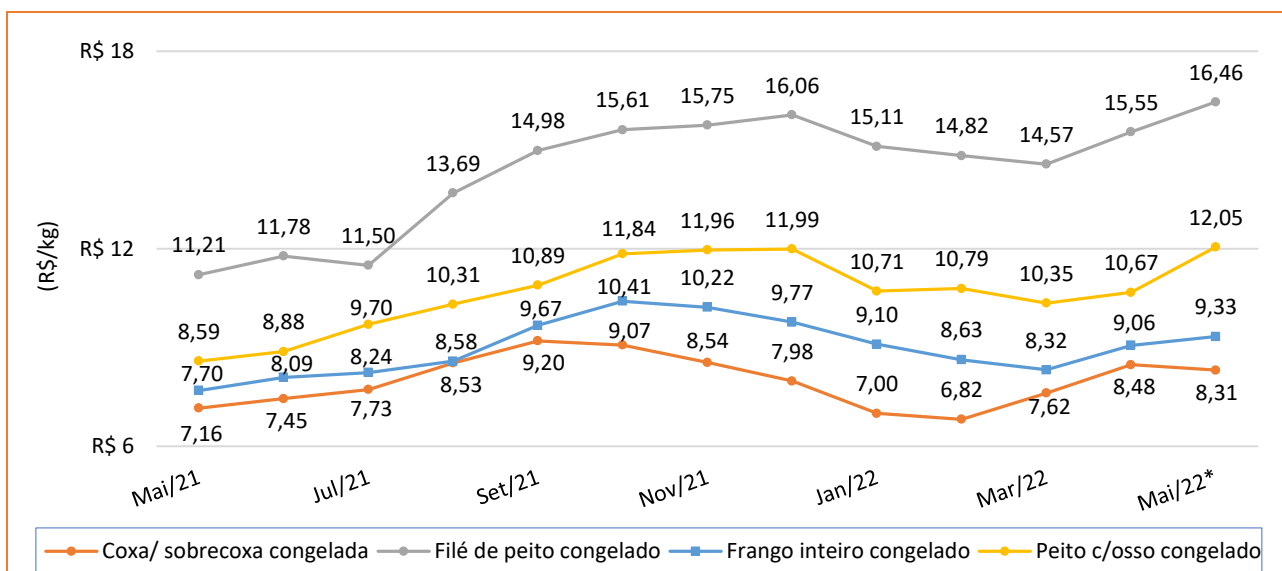


Figura 3. Carne de frango – Santa Catarina: atacado – preço médio mensal estadual (R\$/kg)

* Os valores de maio são preliminares, relativos ao período de 1 a 16 de maio de 2022.

Fonte: Epagri/Cepa.

Na comparação entre os preços preliminares de maio com o mesmo mês de 2021, todos os cortes apresentaram variações positivas: alta de 46,8% para o filé de peito; 40,4% para o peito com osso; 21,2% para o frango inteiro e 16,1% para a coxa/sobrecoxa. A variação média no período foi de 31,1%.

Custos

Em abril, o Índice de Custos de Produção de Frangos (ICPFrango) registrou queda de 3,2% em relação ao mês anterior. Apesar disso, a alta acumulada no ano é de 7,0%. Nos últimos 12 meses, a variação foi de 11,8%, em grande parte decorrente da elevação dos gastos com nutrição, com pintos de 1 dia e com energia elétrica.

A relação de equivalência insumo-produto apresentou queda de 1,4% nas primeiras semanas de maio, resultante da alta de 1,9% no preço do frango vivo em Chapecó, parcialmente anulada pela alta de 0,4% no preço de atacado do milho na mesma praça. O valor atual desse indicador está 29,0% abaixo daquele registrado em maio de 2021. Isto significa que, no mesmo período do ano passado, eram necessários 27,7kg de frango vivo para adquirir uma saca de 60kg de milho, quantidade que caiu para 19,6kg no corrente mês.

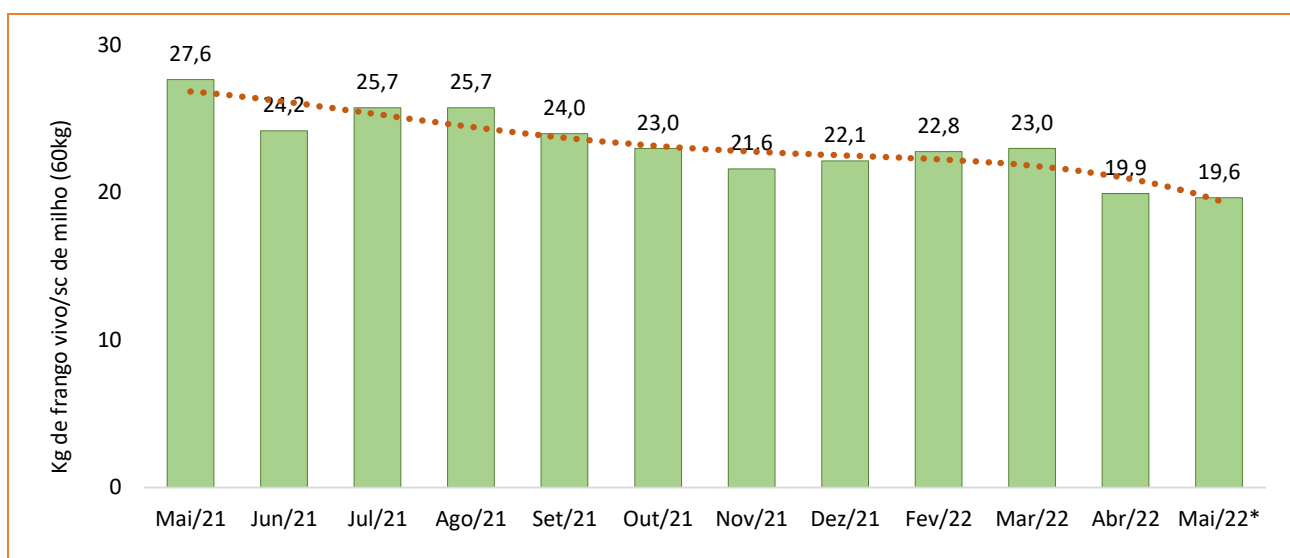


Figura 4. Frango vivo – Santa Catarina: quantidade necessária (kg) para adquirir uma saca (60kg) de milho

Para cálculo da relação de equivalência insumo-produto, utilizam-se os preços do frango vivo (ao produtor) e do milho (atacado) na praça de Chapecó, SC.

* O valor de abril é preliminar, relativo ao período de 1 a 16 de maio de 2022.

Fonte: Epagri/Cepa.

Comércio exterior

Em abril, o Brasil exportou **406,51 mil toneladas** de carne de frango (*in natura e industrializada*), alta de **0,9%** em relação ao mês anterior e de **5,6%** na comparação com abril de 2021. As receitas foram de **US\$802,80 milhões**, elevação de **7,4%** em relação a janeiro e de **34,3%** na comparação com abril de 2021. Em termos financeiros, este é o melhor resultado mensal do setor desde o início da série histórica, em janeiro de 1997.

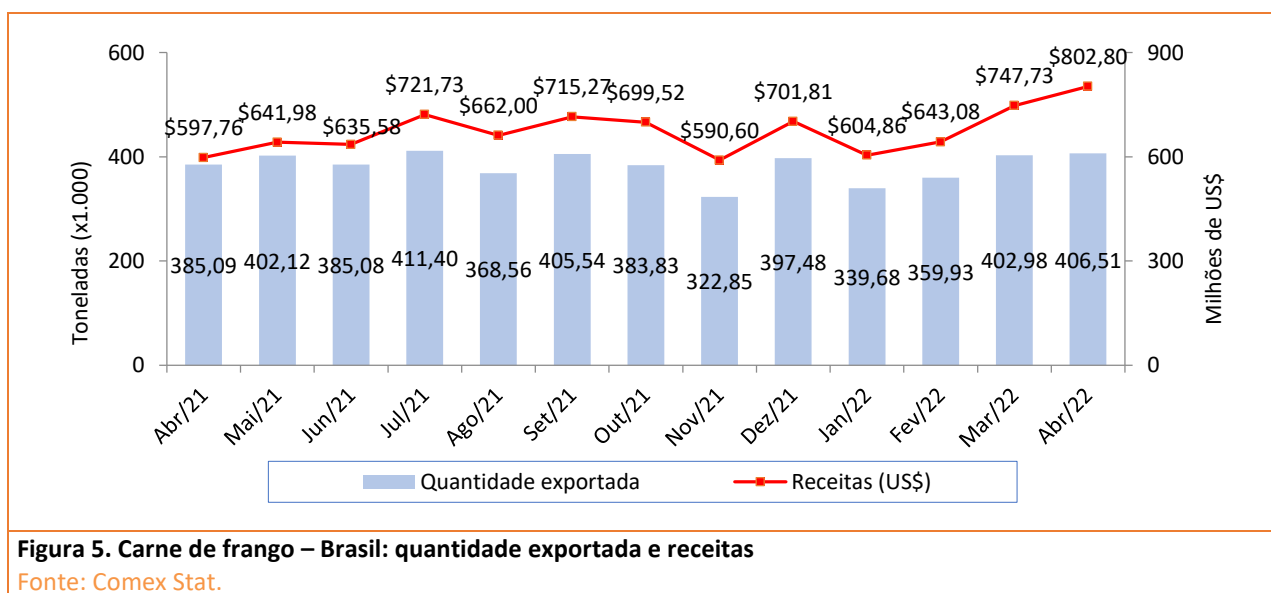


Figura 5. Carne de frango – Brasil: quantidade exportada e receitas

Fonte: Comex Stat.

No 1º quadrimestre, o Brasil exportou **1,51 milhão de toneladas**, com receitas de **US\$2,80 bilhões**, altas de **8,5%** e **32,0%**, respectivamente, na comparação com o mesmo período do ano passado.

Os principais destinos das exportações brasileiras de carne de frango neste ano são: China, Emirados Árabes Unidos, Japão, Arábia Saudita e México, responsáveis por 47,9% das receitas.

A menor oferta de carne de frango no mercado internacional – por conta dos conflitos no leste europeu e casos de gripe aviária em importantes países produtores, como os Estados Unidos – tem aumentado a demanda pela carne de frango brasileira, o que faz com que as exportações estejam aquecidas. Essa redução de oferta no mercado interno resulta em alta nos preços, mesmo diante da demanda nacional enfraquecida. Com isso, o Departamento de Agricultura dos Estados Unidos (USDA) estima que as exportações brasileiras de carne de frango devam crescer 9% este ano, segundo relatório publicado recentemente.

Os dados da Secretaria de Comércio Exterior do Ministério da Economia (Secex/ME) demonstram que Santa Catarina exportou **89,41 mil toneladas** de carne de frango (*in natura* e industrializada) em abril, altas de **0,6%** em relação ao mês anterior e de **6,3%** na comparação com abril de 2021. As receitas foram de **US\$188,46 milhões**, crescimento de **9,1%** em relação ao mês anterior e de **35,6%** na comparação com abril de 2021. Estes são os melhores resultados do ano, tanto em valor quanto em quantidade.

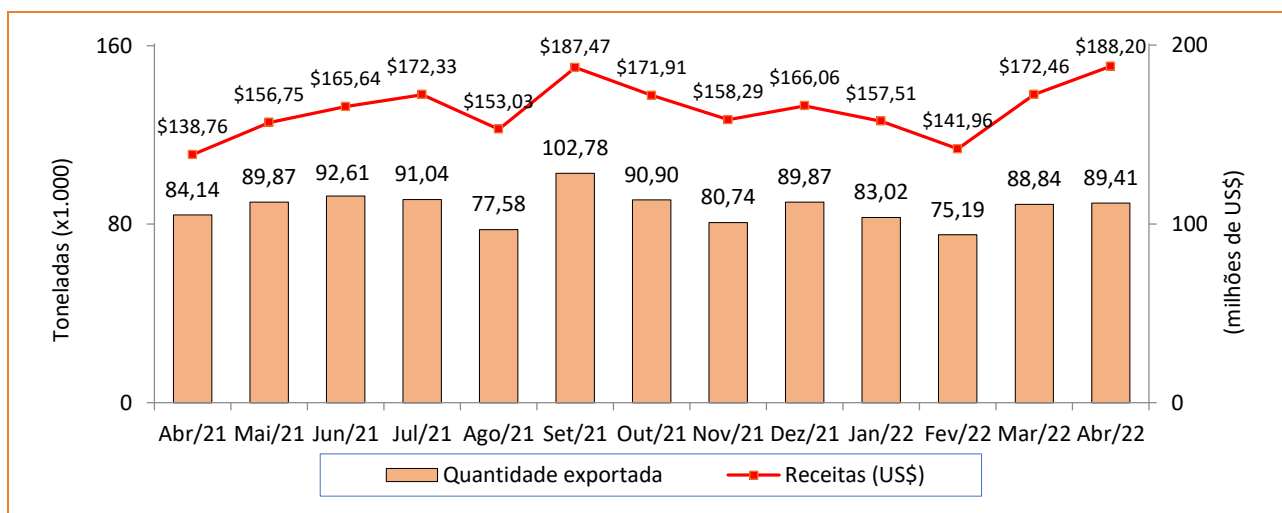


Figura 6. Carne de frango – Santa Catarina: quantidade exportada e receitas

Fonte: Comex Stat.

O valor médio da carne de frango *in natura* exportada pelo estado no mês passado foi de **US\$2.022,62/t**, alta de **7,7%** em relação ao mês anterior, e de **27,5%** na comparação com abril de 2021.

No 1º quadrimestre, Santa Catarina exportou **336,47 mil toneladas**, com receitas de **US\$660,14 milhões**, altas de **8,5%** e **30,2%**, respectivamente, na comparação com o mesmo período do ano passado. O estado foi responsável por **23,6%** das receitas geradas pelas exportações brasileiras de carne de frango nos quatro meses iniciais do ano.

A tabela 1 apresenta os cinco principais destinos do frango catarinense neste ano, que responderam por 53,5% das receitas e por 48,2% da quantidade exportada pelo estado.

Tabela 1. Carne de frango – Santa Catarina: principais destinos das exportações – 1º quadrimestre 2022

País	Valor (US\$)	Quantidade (t)
Japão	95.556.336,00	46.914
Países Baixos (Holanda)	68.979.363,00	25.017
China	67.330.376,00	32.219
Arábia Saudita	61.281.419,00	29.761
Emirados Árabes Unidos	60.110.478,00	28.399
Demais países	306.878.370,00	174.155
Total	660.136.342,00	336.465

Fonte: Comex Stat.

Dentre os dez principais destinos, apenas Japão e China registraram variação negativa nas quantidades adquiridas no 1º quadrimestre deste ano em relação ao mesmo período de 2021: -2,2% e -6,7%, respectivamente. Em termos de receitas, no entanto, todos apresentaram altas no período, com destaque para os Países Baixos (39,0%), a Arábia Saudita (32,6%) e os Emirados Árabes Unidos (46,4%).

Produção nacional

De acordo com os dados preliminares divulgados pelo IBGE, no 1º trimestre de 2022, foi abatido 1,54 bilhão de frangos, queda de 1,8% em relação ao mesmo período de 2021. Por outro lado, se comparado ao último trimestre do ano passado, o abate de frangos cresceu 0,1%.

O peso acumulado das carcaças ficou em 3,76 milhões de toneladas no 1º trimestre. Isto representa um avanço de 2,4% na comparação com o mesmo período do ano passado e acréscimo de 1,9% frente ao último trimestre de 2021.

Bovinocultura

Alexandre Luís Giehl
Engenheiro-agrônomo – Epagri/Cepa
alexandregiehl@epagri.sc.gov.br

Preços

Nas primeiras semanas de maio, os preços do boi gordo caíram em quase todos os estados analisados, na comparação com os do mês anterior, a exemplo do que já havia sido observado em abril: -4,0% em Minas Gerais; -3,7% em Goiás; -1,8% no Mato Grosso; -1,7% no Mato Grosso do Sul; -1,5% em São Paulo e -0,6% no Paraná. No Rio Grande do Sul, o preço manteve-se praticamente estável, com variação de apenas 0,1%. Santa Catarina, por sua vez, apresentou alta de 1,0% no período.

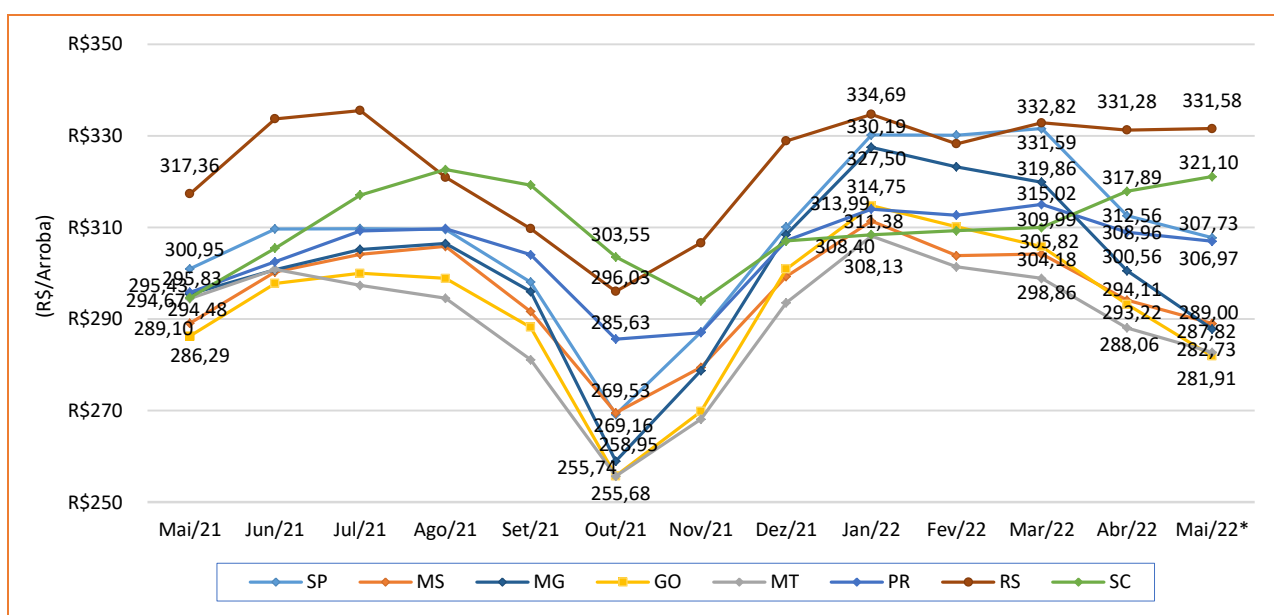


Figura 1. Boi gordo – SC¹, SP², MG², GO², MT², MS², PR³ e RS⁴: evolução dos preços da arroba (R\$/arroba)

* Os valores de maio são preliminares, relativos ao período de 1 a 16 de maio de 2022.

Fontes: ⁽¹⁾ Epagri/Cepa; ⁽²⁾ Cepea; ⁽³⁾ SEAB; ⁽⁴⁾ Nespro.

Chama atenção o fato de as quedas ocorrerem mesmo com as exportações ainda em alta, como veremos adiante, por estarem relacionadas ao aumento da oferta de animais prontos para o abate e ao desaquecimento do mercado interno, que segue com a demanda travada em virtude da conjuntura econômica desfavorável.

Quando se comparam os valores atuais e os preços registrados em maio de 2021, percebem-se situações bastante distintas entre os diversos estados acompanhados. Em quatro casos são observadas altas: 9,0% em Santa Catarina; 4,5% no Rio Grande do Sul; 3,8% no Paraná e 2,3% em São Paulo. Por outro lado, quedas são registradas em outros quatro estados: -4,0% no Mato Grosso; -2,4% em Minas Gerais; -1,4% em Goiás e -0,1% no Mato Grosso do Sul. Vale destacar que essas variações levam em conta os preços nominais. Segundo o IPCA/IBGE, a inflação acumulada nos últimos 12 meses foi de 12,1%, o que significa que, na prática, nenhum estado apresenta variações positivas quando se consideram os dados corrigidos.

Nas duas praças de referência para o preço do boi gordo em Santa Catarina, observaram-se movimentos distintos nas primeiras semanas de maio: alta de 1,6% em relação ao mês anterior em Chapecó e preço estável em Lages. Na comparação com maio de 2021, registrara-se alta de 21,1% em Chapecó, mas queda de 0,2% em Lages.

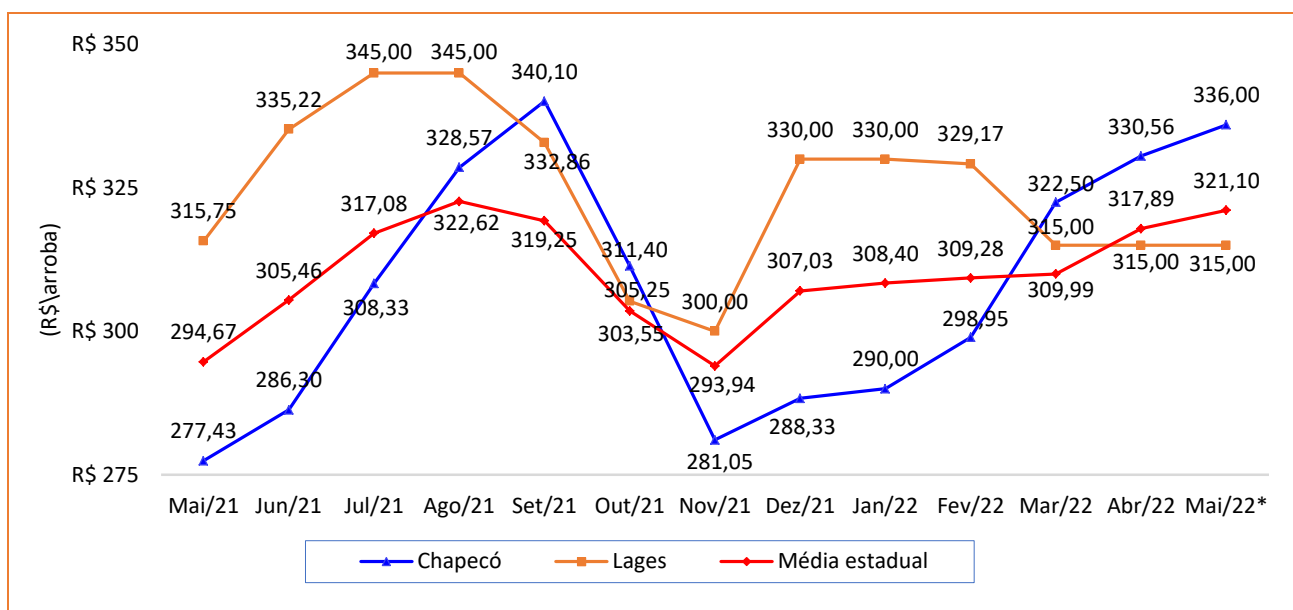


Figura 2. Boi gordo – Santa Catarina: preço médio mensal nas praças de referência e média estadual (R\$/arroba)

* Os valores de maio são preliminares, relativos ao período de 1 a 16 de maio de 2022.

Fonte: Epagri/Cepa.

Os preços de atacado da carne bovina apresentaram altas nas primeiras semanas de maio em relação aos do mês anterior: 1,2% na carne de dianteiro e 2,1% na carne de traseiro. Na média dos dois tipos de corte, a variação foi de 1,7%.

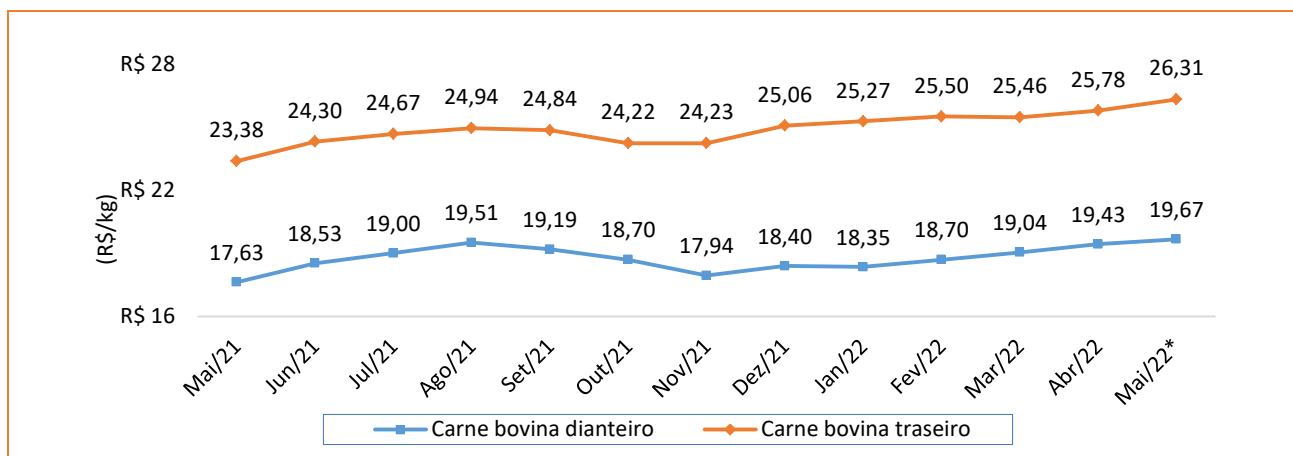


Figura 3. Carne bovina – Santa Catarina: atacado – preço médio mensal estadual (R\$/kg)

* Os valores de maio são preliminares, relativos ao período de 1 a 16 de maio de 2022.

Fonte: Epagri/Cepa.

Quando se comparam os valores atuais com os de maio de 2021, observam-se altas de 11,6% para a carne de dianteiro e de 12,6% para a carne de traseiro, com média de 12,1%.

Custos

Os preços dos animais de reposição para corte em Santa Catarina apresentaram movimentos de alta nas primeiras semanas de maio. Em relação ao mês anterior, as variações são de 1,5% para os bezerros de até 1 ano, e de 1,3% para os novilhos de 1 a 2 anos. Na comparação com maio de 2021, registram-se altas de 9,4% para os bezerros e 14,1% para os novilhos.

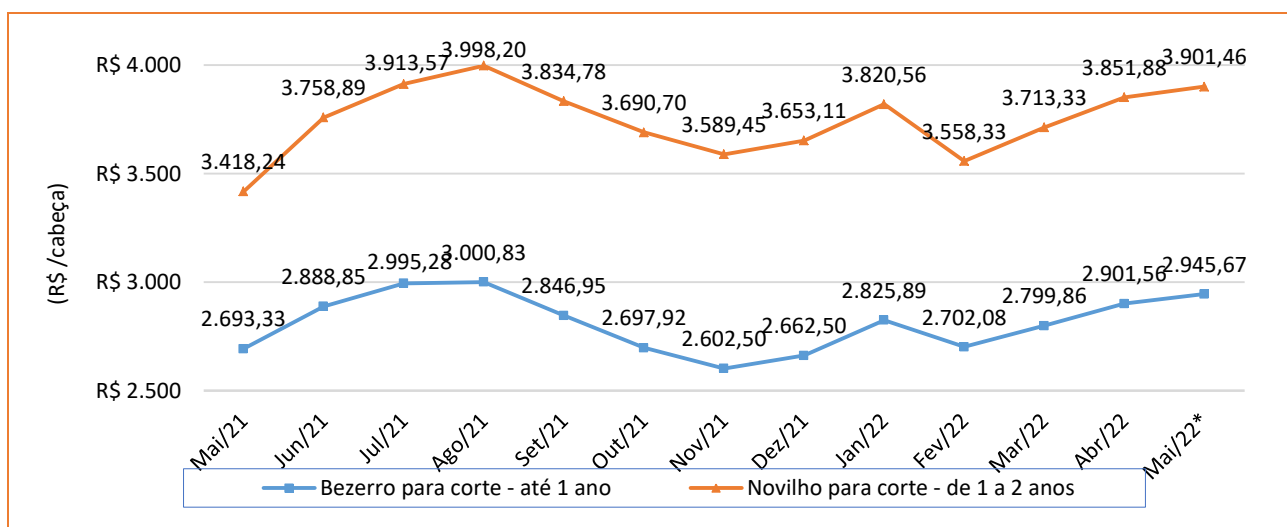


Figura 4. Bezerro e novilho para corte – Santa Catarina: evolução do preço médio estadual (R\$/cabeça)

* Os valores de maio são preliminares, relativos ao período de 1 a 16 de maio de 2022.

Fonte: Epagri/Cepa.

Comércio exterior

Em abril, o Brasil exportou **185,31 mil toneladas** de carne bovina (*in natura*, industrializada e miudezas), queda de **3,3%** em relação ao mês anterior, mas alta de **22,1%** na comparação com abril de 2021. As receitas foram de **US\$1,10 bilhão**, queda de **0,3%** em relação ao mês anterior, mas crescimento de **56,2%** na comparação com abril de 2021.

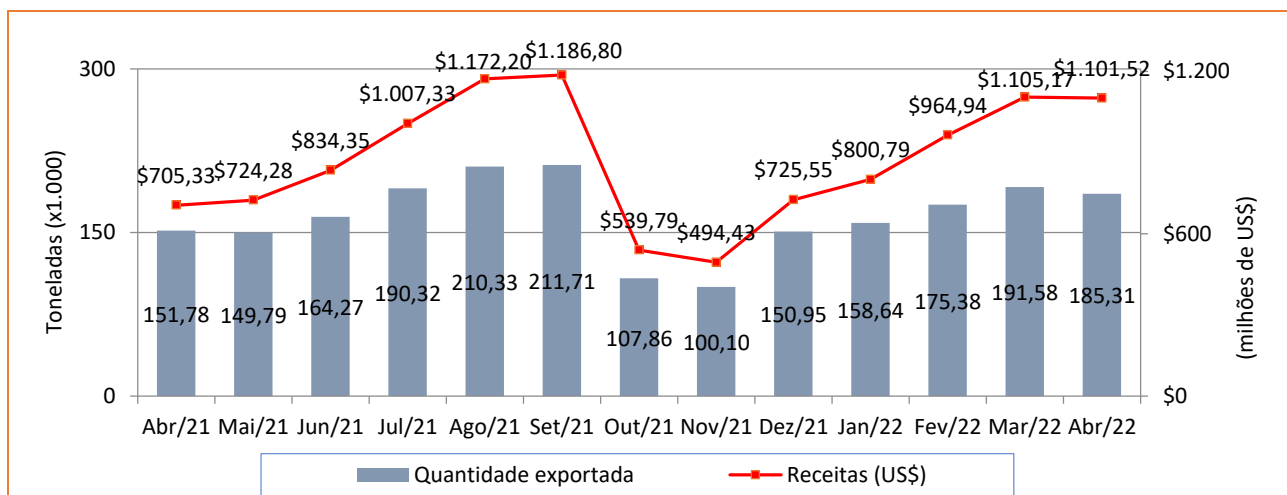


Figura 5. Carne bovina – Brasil: quantidade exportada e receitas

Fonte: Comex Stat.

O valor médio da carne bovina *in natura* exportada pelo Brasil em março foi de **US\$6.208,94/t**, alta de **5,2%** em relação ao mês anterior e **30,3%** acima da de abril de 2021.

Durante o 1º quadrimestre, o Brasil exportou **710,91 mil toneladas** de carne bovina, com **US\$3,97 bilhões** em receitas, altas de 27,0% em volume e de 57,9% em receitas na comparação com o mesmo período de 2021. China e Hong Kong responderam por 59,2% das receitas com as exportações desse produto no ano.

Tais resultados positivos devem-se, principalmente, ao crescimento das vendas para os três principais destinos: China (alta de 36,7% em quantidade e 88,2% em receitas, na comparação com o quadrimestre anterior); Estados Unidos (175,5% e 135,0%) e Egito (279,1% e 342,6%). Por outro lado, alguns países reduziram suas compras, com destaque para Hong Kong (-57,2% em quantidade e -53,0% em receitas).

Santa Catarina, por sua vez, exportou **131 toneladas** de carne bovina em abril, com faturamento de **US\$571,6 mil**, quedas de 55,5% e de 60,6%, respectivamente, em relação ao do mês anterior. No acumulado do 1º quadrimestre, Santa Catarina exportou 896 toneladas, com faturamento de US\$3,73 milhões, quedas, em relação ao mesmo período do ano anterior, de 17,2% e 3,5%, respectivamente.

Produção nacional

De acordo com os dados preliminares divulgados pelo IBGE, no 1º trimestre de 2022 foram abatidos 6,91 milhões de cabeças de bovinos, alta de 4,7% em relação ao mesmo período de 2021. Se comparado ao último trimestre do ano passado, o abate de bovinos cresceu apenas 0,1%.

O peso acumulado das carcaças ficou em 1,82 milhão de toneladas no 1º trimestre. Na comparação anual, isso representa um avanço de 5,2%. Frente ao último trimestre de 2021, contudo, observa-se queda de 4,5%.

Suinocultura

Alexandre Luís Giehl
 Engenheiro-agrônomo – Epagri/Cepa
alexandregiehl@epagri.sc.gov.br

Preços

Nas primeiras semanas de maio, as cotações do suíno vivo apresentam variações positivas em todos os principais estados produtores, embora em índices bastante distintos, conforme demonstra a figura 1. Esse recente movimento de alta ajuda a minimizar as perdas decorrentes das quedas observadas nos primeiros meses do ano, a análise dos preços diários, contudo, indica uma revisão do movimento no início da segunda quinzena, com variações negativas em diversos estados, o que pode impactar no resultado final do mês.

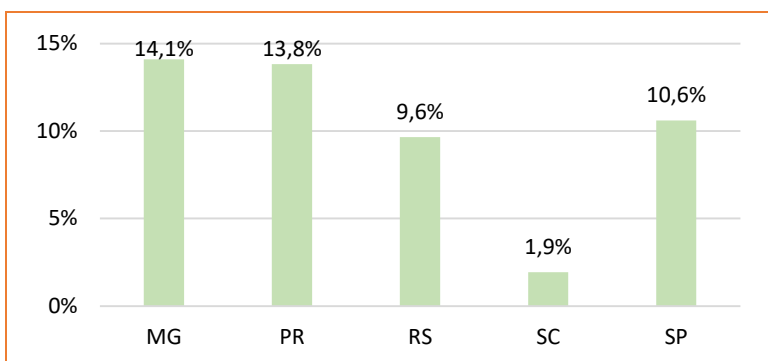


Figura 1. Suíno vivo – SC, MG, PR, RS e SP: variação do preço ao produtor (abr./mai. de 2022*)

* Os valores de maio são preliminares, relativos ao período de 1 a 16 de maio de 2022.

Fonte: Cepea (MG, PR, RS e SP) e Epagri/Cepa (SC).

Apesar dos bons resultados parciais, quando se comparam os preços deste mês com os de maio de 2021, observam-se variações negativas bastante expressivas em alguns dos estados analisados: -13,8% no Rio Grande do Sul; -13,2% em Santa Catarina e -7,2% no Paraná. Por outro lado, Minas Gerais e São Paulo apresentam altas de 2,2% e 1,3%, respectivamente. Este cenário, que por si só já é ruim, fica ainda pior quando se leva em consideração a inflação de 12,1% acumulada nos últimos 12 meses, segundo o IPCA/IBGE.

Diante da redução da demanda chinesa e das restrições do mercado interno, o Rabobank alterou a sua previsão para o volume de produção brasileira de carne suína em 2022. Segundo recente relatório divulgado pela entidade, projeta-se uma queda de 3% a 5% em relação a 2021, interrompendo as fortes altas dos últimos dois anos. A estimativa anterior do banco era de um aumento de 1% a 2% neste ano.

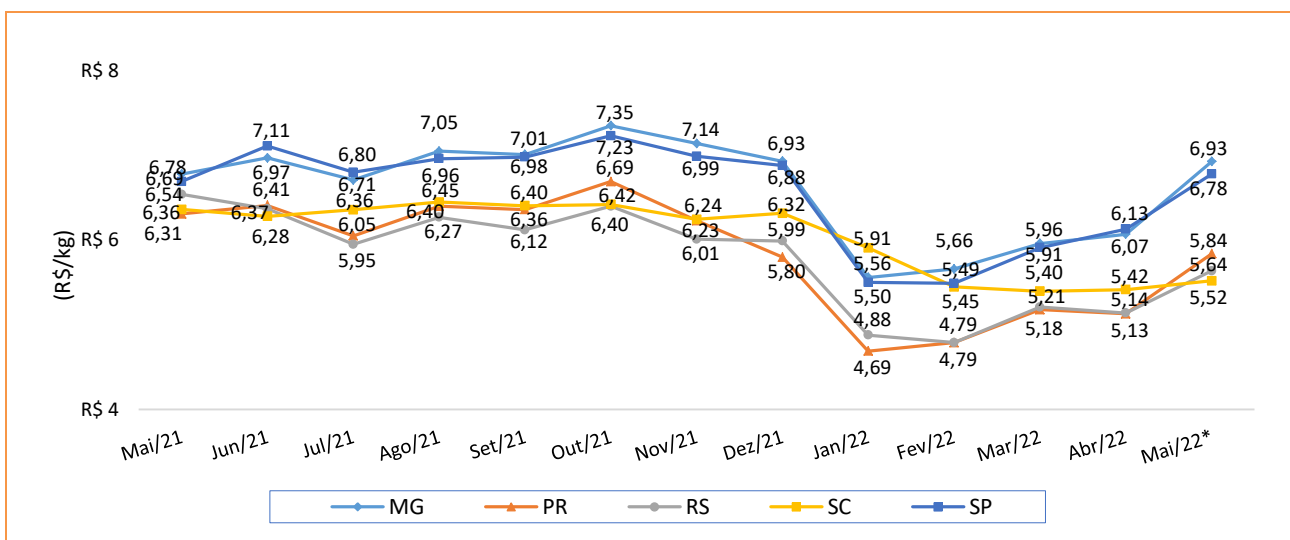


Figura 2. Suíno vivo – SC, MG, PR, RS e SP: evolução do preço ao produtor (R\$/kg)

* Os valores de maio são preliminares, relativos ao período de 1 a 16 de maio de 2022.

Fonte: Cepea (MG, PR, RS e SP) e Epagri/Cepa (SC).

Em Santa Catarina, os valores do suíno vivo na praça de referência de Chapecó mantiveram-se inalterados nas primeiras semanas de maio em relação a abril. Na comparação com maio de 2021, os preços pagos aos produtores independentes e integrados apresentam quedas de 20,9% e 20,4%, respectivamente.

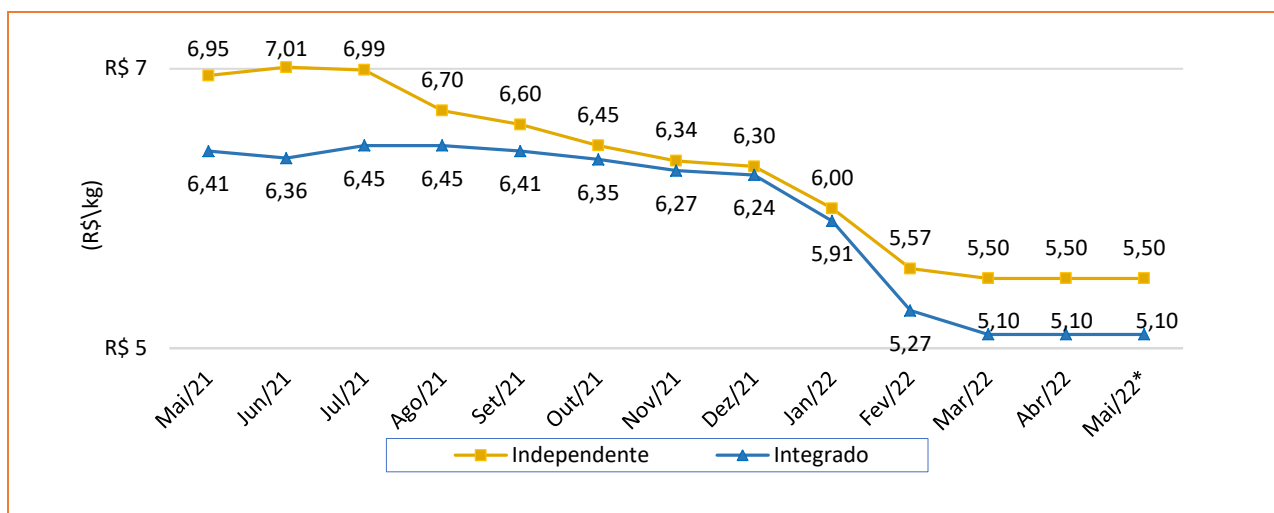


Figura 3. Suíno vivo – Chapecó/SC: preço médio mensal para produtor independente e produtor integrado

* Os valores de maio são preliminares, relativos ao período de 1 a 16 de maio de 2022.

Fonte: Epagri/Cepa.

Os preços de atacado da carne suína apresentaram predominância de alta nas primeiras semanas de maio. Em relação ao mês anterior, observam-se variações positivas em quatro tipos de cortes: carcaça (5,9%); carré (4,1%); pernil (1,5%) e lombo (0,6%). Somente a costela suína apresentou variação negativa (-1,3%). A variação média dos cinco cortes foi de 2,1%. Apesar dos resultados positivos deste mês, no acumulado do ano registra-se queda de 7,2%.

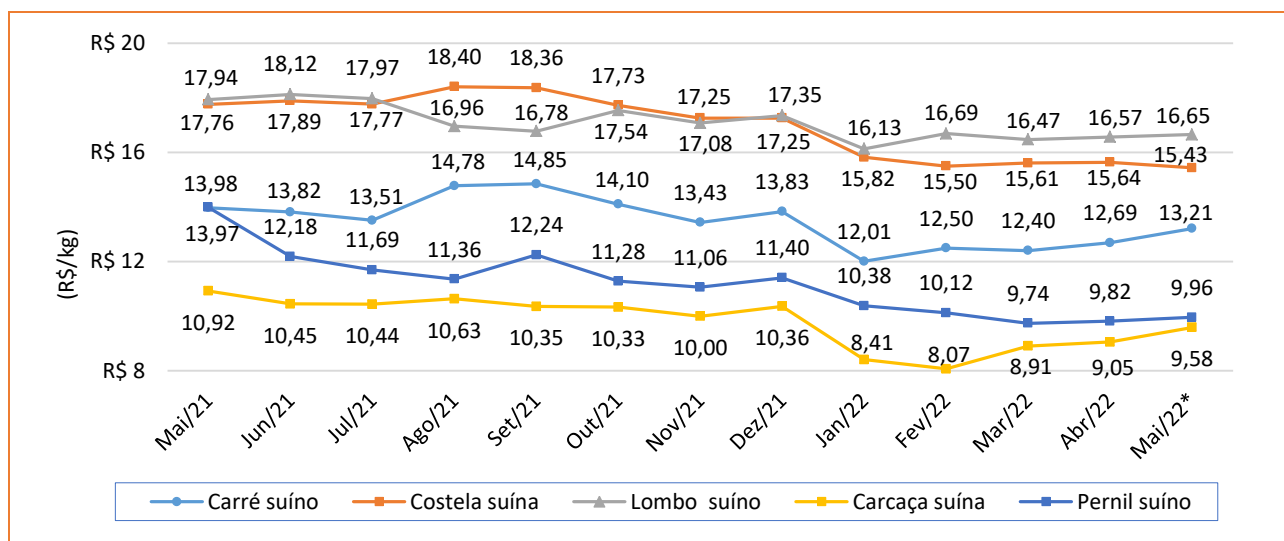


Figura 4. Carne suína – Santa Catarina: preço médio mensal estadual dos principais cortes suínos no atacado (R\$/kg)

* Os valores de maio são preliminares, relativos ao período de 1 a 16 de maio de 2022.

Fonte: Epagri/Cepa.

Quando se comparam os valores preliminares do corrente mês com os de maio de 2021, observam-se variações negativas em todos os cortes: pernil (-28,8%); costela (-13,1%); carcaça (-12,2%); lombo (-7,2%) e carré (-5,5%). Na média dos cinco cortes, a queda é de 13,4%.

Custos

Segundo a Embrapa Suínos e Aves, em abril o custo de produção de suínos em ciclo completo em Santa Catarina foi de R\$7,49/kg de peso vivo, -5,2% em relação ao mês anterior, resultante da queda no preço do milho, principal componente das rações. Apesar disso, a alta acumulada no ano é de 7,0%. Nos últimos 12 meses, a variação foi de 6,5%.

Nas primeiras semanas de maio, os preços dos leitões apresentaram estabilidade, apenas com pequenas oscilações. Em relação ao mês anterior, o preço dos leitões de 6kg a 10kg caiu 0,1%, enquanto os leitões de aproximadamente 22kg tiveram leve alta de 0,2%. Na comparação com maio de 2021, observam-se quedas em ambas as categorias: -11,4% para os leitões de 6 a 10kg e -12,1% para os leitões de aproximadamente 22kg.

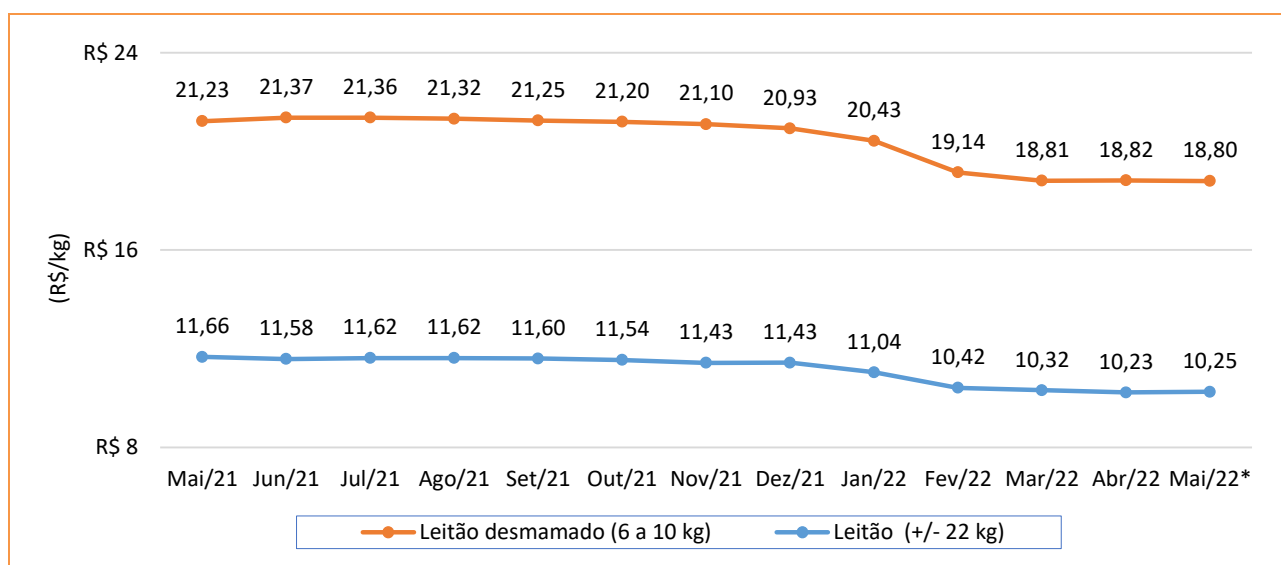


Figura 5. Leitões – Santa Catarina: preço médio mensal por categoria (R\$/kg)

* Os valores de maio são preliminares, relativos ao período de 1 a 16 de maio de 2022.

Fonte: Epagri/Cepa.

A relação de equivalência insumo-produto também se manteve estável nas primeiras semanas de maio em relação ao mês anterior, com leve alta de 0,4%. Esse resultado é decorrente, exclusivamente, da elevação no preço do milho em Chapecó (0,4%), já que o preço do suíno vivo se manteve estável nessa mesma praça. O valor atual está 13,4% acima daquele observado em maio de 2021, o que significa que há um ano o suinocultor precisava de 15,9kg de suíno vivo para adquirir uma saca de 60kg de milho, enquanto atualmente são necessários 18,1kg para adquirir o mesmo produto.

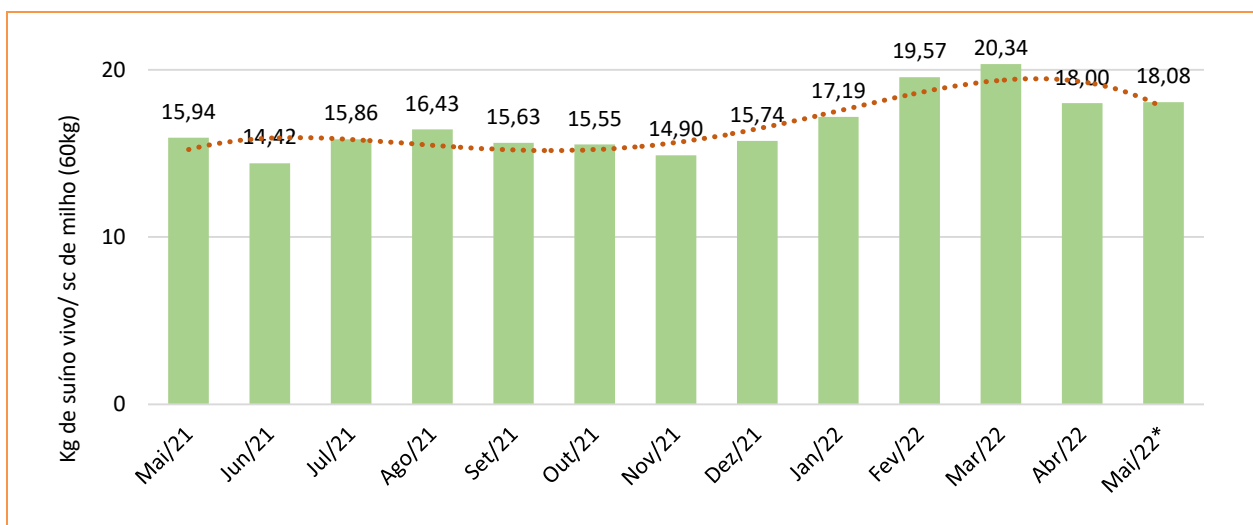


Figura 6. Suíno vivo – Chapecó/SC: quantidade necessária (kg) para adquirir uma saca de 60kg de milho

Para o cálculo da relação de equivalência insumo-produto, utiliza-se a média entre o preço para o produtor independente e o produtor integrado do suíno vivo. No caso do milho, leva-se em consideração o preço de atacado do produto. Ambos os produtos têm como referência os preços da praça de Chapecó/SC.

* O valor de maio é preliminar, relativo ao período de 1 a 16 de maio de 2022.

Fonte: Epagri/Cepa.

Comércio exterior

Em abril, o Brasil exportou **88,28 mil toneladas** de carne suína (*in natura*, industrializada e miúdos), queda de **1,4%** em relação a março, e de **8,8%** na comparação com o mesmo mês de 2021. As receitas foram de **US\$191,22 milhões**, crescimento de **2,0%** em relação ao mês anterior, mas queda de **17,0%** na comparação com abril de 2021.

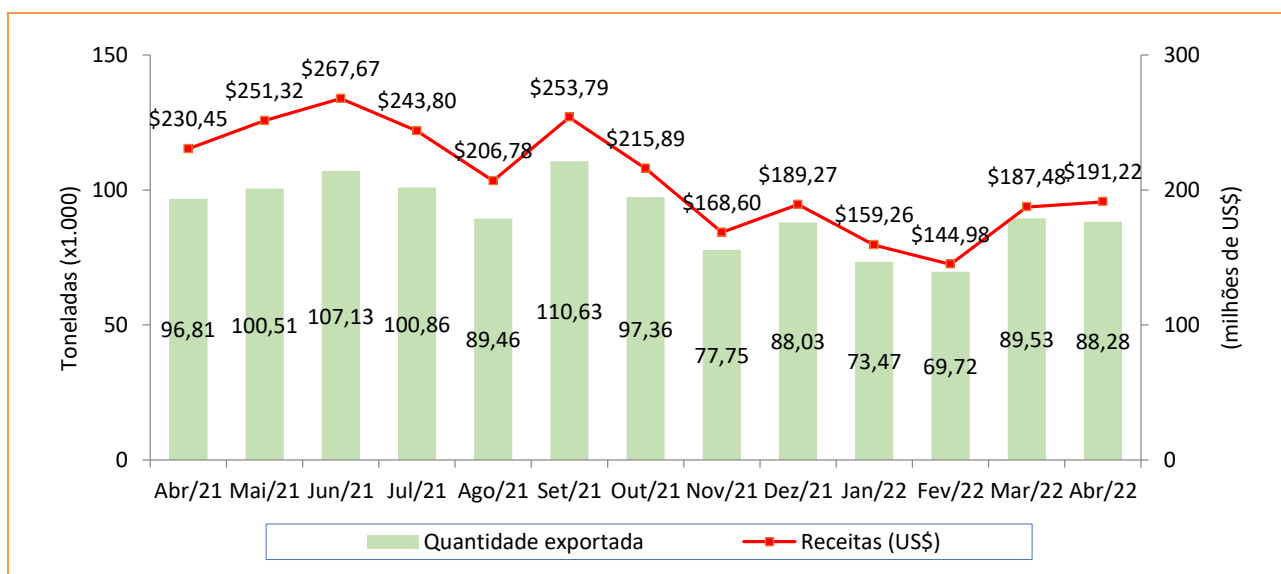


Figura 7. Carne suína – Brasil: quantidade exportada e receitas

Fonte: Comex Stat.

No 1º quadrimestre deste ano, o Brasil exportou **321,00 mil toneladas** de carne suína, com receitas de **US\$682,94 milhões**, quedas de 7,3% em quantidade e de 16,7% em valor, na comparação com o mesmo período de 2021.

Os cinco principais destinos das exportações brasileiras de carne suína nos quatro primeiros meses do ano foram: China (37,0% das receitas totais do período); Hong Kong (9,8%); Filipinas (7,1%); Singapura (6,8%) e Argentina (6,0%).

De acordo com recente relatório divulgado pelo Rabobank, as exportações de carne suína do Brasil em 2022 deverão cair entre 2% e 3%, sob o impacto da redução nas compras da China.

Segundo os dados da Secretaria de Comércio Exterior do Ministério da Economia (Secex/ME), Santa Catarina exportou **47,10 mil toneladas** de carne suína (*in natura*, industrializada e miúdos) em abril, quedas de **9,2%** em relação ao mês anterior e de **6,1%** na comparação com abril de 2021. As receitas foram de **US\$105,03 milhões**, **-4,1%** em relação ao mês anterior e **-15,1%** na comparação com abril de 2021.

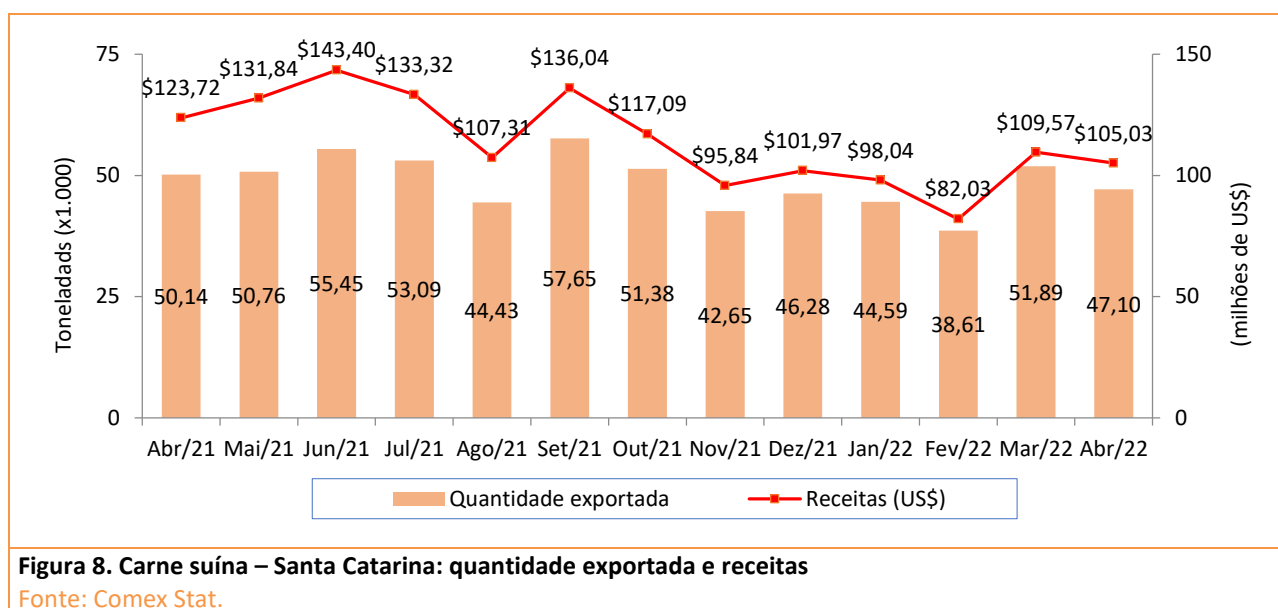


Figura 8. Carne suína – Santa Catarina: quantidade exportada e receitas

Fonte: Comex Stat.

O valor médio da carne suína *in natura* exportada por Santa Catarina em março foi de **US\$2.266,87/t**, alta de **6,6%** em relação ao mês anterior, mas **11,6%** abaixo do valor de abril de 2021.

No 1º quadrimestre, o estado exportou **182,19 mil toneladas** de carne suína, com receitas de **US\$394,66 milhões**, alta de 3,1% em quantidade, mas queda de 8,2% em valor na comparação com o mesmo período de 2021. Santa Catarina respondeu por **56,8%** das receitas e por **57,8%** do volume de carne suína exportada pelo Brasil neste ano.

Os cinco principais destinos das exportações catarinenses de carne suína, listados na tabela 1, foram responsáveis por 76,7% das receitas do 1º quadrimestre. China e Hong Kong responderam por 48,9%.

Tabela 1. Carne suína – Santa Catarina: principais destinos das exportações – 1º quadrimestre 2022

País	Valor (US\$)	Quantidade (t)
China	173.526.608,00	83.391
Filipinas	48.412.534,00	23.296
Chile	31.961.482,00	16.007
Japão	29.351.798,00	7.507
Hong Kong	19.286.495,00	10.421
Demais países	92.119.249,00	41.564
Total	394.658.166,00	182.186

Fonte: Comex Stat.

Dentre os dez principais destinos da carne suína catarinense, três apresentaram variações negativas nas receitas de janeiro a março em relação ao mesmo período de 2021: China (-36,9%); Chile (-37,1%) e Hong Kong (-26,3%). Expressivas variações positivas foram observadas nas exportações para importantes compradores, caso das Filipinas (347,9%), do Japão (125,5%) e dos Estados Unidos (63,0%).

Produção nacional

De acordo com os dados preliminares do IBGE, no primeiro trimestre de 2022 foram abatidos 13,64 milhões de cabeças de suínos, alta de 7,2% em relação ao mesmo período de 2021. Por outro lado, se comparado ao último trimestre do ano passado, o abate de suínos cresceu 2%.

O peso acumulado das carcaças ficou em 1,24 milhão de toneladas no 1º trimestre, alta de 6,7% em relação ao mesmo período do ano passado, e 1,8% na comparação com o último trimestre de 2021.

Leite

Tabajara Marcondes
 Engenheiro-agrônomo, M.Sc. – Epagri/Cepa
tabajara@epagri.sc.gov.br

Produção recebida pelas indústrias

No dia 12 de maio, o IBGE divulgou os “primeiros resultados” da Pesquisa Trimestral do Leite,⁵ com a quantidade de leite cru adquirida pelas indústrias inspecionadas do Brasil nos três primeiros meses de 2022. No total do trimestre, foram adquiridos 5,884 bilhões de litros, o que representa uma queda de 10,5% em relação aos 6,575 bilhões de litros adquiridos no primeiro trimestre de 2021 (Tabela 1).

Tabela 1. Leite cru – Brasil: quantidade adquirida pelas indústrias inspecionadas

Mês	Bilhão de litros					Variação %
	2018	2019	2020	2021	2022	2021/22
Janeiro	2,161	2,207	2,272	2,348	2,076	-11,6
Fevereiro	1,890	1,933	2,066	2,051	1,869	-8,9
Março	1,968	2,055	2,109	2,176	1,939	-10,9
1º trimestre	6,019	6,195	6,447	6,575	5,884	-10,5
Abril	1,873	1,911	1,969	1,946		
Maio	1,734	1,975	1,957	1,960		
Junho	1,872	1,974	1,949	1,932		
Julho	2,036	2,075	2,143	2,040		
Agosto	2,120	2,128	2,199	2,088		
Setembro	2,100	2,081	2,174	2,079		
Outubro	2,222	2,203	2,236	2,130		
Novembro	2,210	2,186	2,224	2,135		
Dezembro	2,271	2,283	2,343	2,194		
Total anual	24,457	25,011	25,641	25,079		

2021: Dados preliminares e 1º trimestre/22: primeiros resultados.

Fonte: IBGE - Pesquisa Trimestral do Leite.

Na série disponibilizada desde 1997 pelo IBGE, nunca houve percentual de decréscimo que sequer se aproximasse do que foi observado no primeiro trimestre de 2022. A maior queda de quantidade adquirida até então havia sido a do primeiro trimestre de 2016, de 4,5% em relação ao primeiro trimestre de 2015. Considerando a série histórica a partir de 2014, esses 5,884 bilhões de litros adquiridos no primeiro trimestre de 2022 superam apenas os 5,862 bilhões de litros adquiridos nos primeiros trimestres de 2016 e de 2017.

Preços

Esse péssimo desempenho tem repercutido sobre os preços internos no mercado atacadista e nos preços recebidos pelos produtores. Na reunião de abril do Conseleite/SC, o preço de referência do leite-padrão foi projetado em R\$2,1117/l, o que significa variação de quase 29% sobre o R\$1,6370/l, que foi o preço de referência de janeiro deste ano, e de 33,5% sobre o preço de referência de abril de 2021 (Tabela 2).

⁵ No dia 8/6/2022, o IBGE deverá divulgar os dados dos meses do primeiro trimestre deste ano por unidade da Federação. Isso deve provocar pequenas mudanças nesses números dos “primeiros resultados”.

Tabela 2. Leite padrão – Santa Catarina: preços de referência do Conseleite

Mês	R\$/litro na propriedade com Funrural incluso			Variação (%)	
	2020	2021	2022	2020-21	2021-22
Janeiro	1,2273	1,6020	1,6370	30,5	2,2
Fevereiro	1,2342	1,5218	1,7369	23,3	14,1
Março	1,2974	1,5699	1,9415	21,0	23,7
Abril	1,3192	1,5820	2,1117	19,9	33,5
Maio	1,3091	1,6994		29,8	
Junho	1,5176	1,8025		18,8	
Julho	1,5588	1,7676		13,4	
Agosto	1,7288	1,7950		3,8	
Setembro	1,7994	1,7912		-0,5	
Outubro	1,7075	1,7031		-0,3	
Novembro	1,6703	1,6125		-3,5	
Dezembro	1,7121	1,6385		-4,3	
Média anual	1,5068	1,6738		11,1	

Abril/2022: Valor projetado.

Fonte: Conseleite/SC.

Embora, nominalmente, esse valor projetado para abril seja destacadamente o maior do histórico do Conseleite/SC, a sua indexação deixa claro que está longe de representar valor significativo em relação a outros momentos de mercado, sobretudo em relação ao período de junho a outubro de 2020, cujos valores indexados pelo IGP-DI de março/2022 variaram sempre acima de R\$ 2,20/l, até pouco mais de R\$ 2,40/l.

Essas variações nos preços do Conseleite/SC seguem refletidas nos preços recebidos pelos produtores catarinenses. Os levantamentos da Epagri/Cepa mostram que o preço médio recebido em maio ficou bem acima do preço recebido em abril (Tabela 3).

Tabela 3. Leite – Santa Catarina: preço médio⁽¹⁾ aos produtores

Mês	R\$/l posto na propriedade				Variação (%)	
	2019	2020	2021	2022	2020/21	2021/22
Janeiro	1,09	1,22	1,94	1,90	59,0	-2,1
Fevereiro	1,17	1,26	1,78	1,92	41,3	7,9
Março	1,25	1,29	1,71	2,02	32,6	18,1
Abril	1,27	1,28	1,76	2,26	37,5	28,4
Maio	1,32	1,19	1,84	2,45	54,6	33,2
Junho	1,32	1,31	1,99	-	51,9	-
Julho	1,23	1,50	2,15	-	43,3	-
Agosto	1,19	1,66	2,17	-	30,7	-
Setembro	1,21	1,87	2,17	-	16,0	-
Outubro	1,21	1,95	2,12	-	8,7	-
Novembro	1,19	1,92	1,95	-	1,6	-
Dezembro	1,18	1,97	1,84	-	-6,6	-
Média anual	1,22	1,54	1,95	-	27,1	-

⁽¹⁾ Preço médio mais comum das principais regiões produtoras.

Fonte: Epagri/Cepa.

Balança comercial

Em abril, a quantidade de lácteos importada pelo Brasil atingiu 5,7 milhões de quilos. São raros os meses em que as importações brasileiras ficam em patamares tão baixos. Considerados os últimos dez anos anteriores a 2022 (2012-2021), apenas em fevereiro e março de 2014 a quantidade foi inferior a essa de abril. As exportações tiveram comportamento inverso. Depois de decrescerem significativamente de fevereiro para março, alcançaram 4,5 milhões de quilos em abril, o maior patamar dos últimos cinco anos (2018-2022). Com isso, houve expressiva queda do saldo negativo na balança de lácteos, alcançando apenas 1,2 milhão de quilos (Tabela 4).

Tabela 4. Balança comercial brasileira de lácteos

Mês	Milhão de quilos								
	Importações			Exportações			Saldo		
	2020	2021	2022	2020	2021	2022	2020	2021	2022
Janeiro	10,6	17,8	8,6	2,9	2,4	3,3	-7,7	-15,5	-5,4
Fevereiro	8,8	15,1	6,9	1,8	1,8	4,4	-7,0	-13,4	-2,6
Março	9,4	14,4	8,0	2,5	2,8	2,5	-6,8	-11,6	-5,5
Abril	6,0	7,3	5,7	1,8	4,3	4,5	-4,2	-3,0	-1,2
Maiο	7,5	8,3	-	2,3	3,3	-	-5,2	-5,0	-
Junho	8,4	8,8	-	2,2	4,0	-	-6,3	-4,9	-
Julho	12,6	9,6	-	2,7	3,5	-	-9,9	-6,1	-
Agosto	18,0	10,0	-	2,7	3,0	-	-15,3	-7,0	-
Setembro	22,8	10,6	-	2,4	2,5	-	-20,4	-8,1	-
Outubro	22,1	12,1	-	2,7	2,1	-	-19,5	-10,0	-
Novembro	22,9	11,3	-	2,5	2,2	-	-20,4	-9,1	-
Dezembro	22,4	11,1	-	2,5	3,4	-	-19,9	-7,7	-
Total	171,6	136,5	-	29,0	35,1	-	-142,6	-101,4	-

Fonte: Ministério da Economia - Comex Stat.

Isso contrariou a expectativa de que a expressiva elevação dos preços internos dos lácteos e a queda na taxa de câmbio em abril poderiam piorar o desempenho das exportações e provocar aumento das importações.